

Incondicionalmente Livre

GOIÂNIA
EM **PROSA**
E **VERSO**
COLEÇÃO



Editora da PUC-GO

Pró-Reitora da Prope
Presidente do Conselho Editorial
Profª. Dra. Sandra de Faria

Coordenador Geral da Editora da PUC-GO
Prof. Gil Barreto Ribeiro

Conselho Editorial

Profª. Dra. Regina Lúcia de Araújo
Profª. Dra. Heloisa Selma Fernandes Capel
Profª. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante
Profª. Dra. Elane Ribeiro Peixoto
Prof. Dr. Aparecido Divino da Cruz
Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli
Escritora Maria Luisa Ribeiro
Ms. Heloísa Helena Campos Borges
Escritor Ubirajara Galli
Jornalista Iúri Rincon Godinho



Editora Kelps

Presidente
Antônio Almeida

Coordenadores da Editora Kelps
Ademar Barros
Waldeci Barros
Leandro Almeida

Conselho Editorial

Prof. Abrão Rosa Lopes
Escritora Sandra Rosa
Escritor Brasigóis Felício
Prof. Alaor Figueiredo

Nádia Timm

Incondicionalmente Livre



Goiânia - 2012

Copyright © 2012 by Nádia Timm

Editora Kelps

Rua 19, nº 100 — St. Marechal Rondon

CEP 74.560-460 — Goiânia — GO

Fone: (62) 3211-1616

Fax: (62) 3211-1075

E-mail: kelps@kelps.com.br

homepage: www.kelps.com.br

Comissão Técnica:

Laerte de Araújo Pereira

Projeto gráfico e capa

Bernd Marold

Foto da Capa

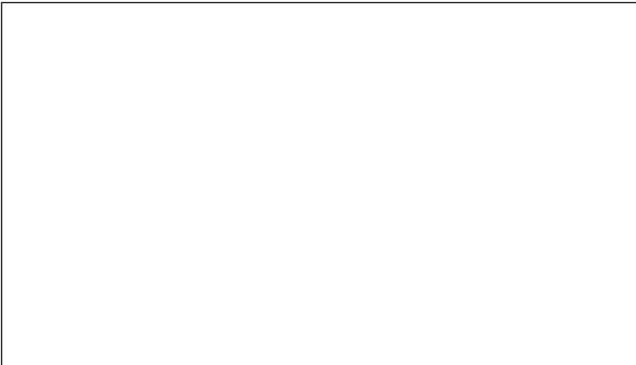
Heloisa D. P. Torres e Maria de Pádua

Seleção das obras do acervo do Museu de Arte de Goiânia

Wellington Rodrigues/Christielly de Oliveira

Diagramação e arte-final da capa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
BIBLIOTECA MUNICIPAL MARIETTA TELLES MACHADO



DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2012

Agradeço ao Apoena, pelas ilustrações,
Davi Raoni, pela foto e
Carlos Passoni, meu editor.

Dedico este livro à jornalista Nádía Timm, por ser
incondicionalmente livre.

Sumário

Mishima.....	11
Alex Solnik e a sedução de Vinicius, o garoto de Ipanema.....	12
Uma escritora às voltas com HH.....	20
Golpe de Mestre.....	23
Cinema fora do gueto com Ismail Xavier	24
Tizuka Yamasaki: cinema e autoestima	29
Jiu-Jítsu, a Arte Suave.....	33
Índios	34
Crônica do Rio.....	36
Palavra.....	37
Maria Tereza Matarazzo:	
machismo é doença sexualmente transmissível.....	39
O Rapto.....	45
O Poder do Prazer ((Entrevista com Rose Marie Muraro))	47
O Partido Matriarcal do Brasil - o PMB de Gaiarsa	55
O Neto da Sogra, Filho da Nora	71
A Festa no Palácio do Governador	73
Ensaio sobre o Jornalismo do Futuro: o Webjornalismo	75

Mishima

O Samurai rasga o corpo
murmura aventuras sonhadas, vividas
palavras jorram e gestos dançam
voam, lançadas ao azul

Músculos de pedra bailarinos
num instante, frágeis flores vermelhas tingem a página.

A espada aponta o golpe para o centro,
movida pelo vazio,
imola o coração herói.

A energia/ sons-asas derretem,
flácidos.
Na morte, o guerreiro-poeta alcança a verdade.

Sob o Sol há mistérios

Alex Solnik e a sedução de Vinicius, o garoto de Ipanema

Alex Solnik é jornalista. Daqueles raros, com alma de artista. Poeta, compositor e escritor, nesta entrevista, ele conta como surgiu o livro *Garoto de Ipanema* publicado pela editora Códex.

Centrada em Vinicius de Moraes, a biografia reúne papos bacanas. A maioria em alto astral. Às vezes, sentimentais, carregados daquele lirismo que tornou o poeta sinônimo de paixão. Outras vezes, iconoclastas. Impregnados de irreverência cheia de graça, num tesão bem ao estilo Vinicius.

Conversa vai, conversa vem, assim foi se formando a biografia, em documentário e livro criados a partir de lembranças. Histórias da vida de quem teve o prazer de conhecer, de pertinho uma alegria que veio e passou, o brilho menino de um inesquecível poeta.

Alex Solnik até aquela data, outubro de 2004, tinha publicado quatro livros: *Por que não deu certo*, *A verdade por trás das câmeras*, *A Guerra do Apagão* e *Garoto de Ipanema*.

NT - Qual sua relação com a obra do poeta?

AS - Não tive qualquer relação com a obra dele antes de fazer o livro e o documentário, que deu origem ao livro. O Vinicius sempre foi um mito pra mim. Um cara diferente de qualquer outro.

Só que ele foi um enorme poeta, um imenso letrista, um maravilhoso dramaturgo, sem deixar de viver como homem. Nunca falei com ele enquanto viveu. Até o encontrei uma vez, mas não tive coragem de falar com ele. Achava que ele nem ia me responder.

Ah, agora me lembrei de uma relação com a obra dele: acho que foi no ginásio, fiz parte de um grupo que declamou aquele poema “Filhos? Melhor não tê-los... mas se não tê-los, como sabê-los...?”

NT - *Garoto de Ipanema* registra a partir da biografia de um artista, um longo período a história brasileira e internacional. As entrevistas

foram pautadas em quais parâmetros?

AS - Procurei as pessoas que conviveram com ele. Eu não queria falar com críticos da obra dele ou historiadores. Queria ouvir das pessoas que estiveram ao lado dele, histórias dos que viveram com ele, e assim unir os pedaços para formar a pessoa que ele foi.

Não importava a posição desse amigo. Podia ser um garçom, desde que tivesse histórias a contar.

NT - Como foram os bastidores do trabalho?

AS- Tudo começou com o documentário. Eu estava duro. Propor o documentário foi uma forma de pagar meu aluguel. Além, é claro, de fazer uma coisa muito legal.

Não foi fácil. Há pessoas fáceis e difíceis. Nana Caymmi é fácil, maravilhosa. Topou na hora. Quando chegou pra gravar, falou: mas por que você me chamou? Eu não tenho nada pra contar. Mas foi só ligar a câmera e ela não parava mais de contar histórias e falar coisas incríveis como “se Vinicius e meu pai fossem homossexuais estariam casados até hoje, na Bahia”.

O documentário teve seis depoimentos; o livro, 12. Muitos deles, por telefone. Zélia Gattai, por telefone. Nunca tinha falado com ela na vida. Ferreira Gullar, por telefone. Sergio Cabral, por telefone. Lan, por telefone. Bem, a conta foi alta. E fui entrevistando cada um.

Eu não falei assim: escreve um depoimento e me envia. Não. Fui perguntando, conversando. Um entrevistado indicava outro.

O Ziraldo (que não quis falar, disse que não tinha histórias) indicou a Maria Christina Gurjão. Ela me enviou o testamento que o Vinicius deixou pra ela. Quase ninguém conhecia. Já a filha dela com Vincius não quis falar.

A Mariana de Moraes, neta do Vinicius, falou, mas depois não autorizou. Os filhos... bem, deixa pra lá. Os filhos são os filhos. Família é família.

NT - Em que sentido o livro ajuda a compor uma visão de Vinicius?

AS - Cada um contou histórias diferentes. De atividades diferentes. Fa-

ses diferentes. Uma que eu achei legal foi a do Haroldo Costa. Na minha cabeça, o “Orfeu” foi montado num estalar de dedos. Vinicius decidiu e a grana apareceu.

Quando o Haroldo contou que o Orfeu só foi montado porque na feijoada apareceu um egípcio milionário, namorado de uma amiga do Vinicius, eu quase caí pra trás.

NT- Você evitou invasão da privacidade ou não determinou limites?

AS - Não dá pra mostrar quem foi um cara sem mostrar sua privacidade. As pessoas são o que falam, o que fazem, o que se fala sobre elas, o que deixaram na memória. Vinicius nunca ligou para a privacidade. Se ligasse, teria feito shows com um copo de uísque na mão?

NT - Pintou alguma resistência de familiares, qual foi a participação deles?

AS - Os amigos, as mulheres, os parceiros conheceram melhor o Vinicius que a sua família. Ele pouco conviveu com os filhos. Não dava tempo. Depois, filho tem aquele negócio: será que eu posso contar isso do meu pai? Sempre fica em dúvida. Isso é bom contar? Isso é ruim?

Vinicius viveu mais nos botecos do que em casa. Passava o tempo ao lado dos parceiros; ou sozinho, escrevendo; bebendo, sozinho ou com amigos. Filho admira. Adora. Herda. Mas não tem o que falar. Você já viu algum filho do Chico Buarque falar sobre o Chico? O filho do Tom Jobim falar sobre o pai?

NT - Alguns aspectos da personalidade e do comportamento de Vinicius - como valorizar a beleza da mulher, gostar de um uisquinho, ter casado tantas vezes - são super conhecidos do grande público, e muitas vezes apontados como sinais de machismo.

No seu livro, o conjunto dos depoimentos abre a dimensão amorosa, apaixonada e intensa do artista. Isto foi uma surpresa?

AS - Vinicius era muitos. Não era um só. Era romântico, devasso, apaixonado, chulo. Ele tanto podia fazer um verso lindo como olhar uma bunda. É o que conta a Nana. Passava uma bunda, Vinicius não perdoava.

Ele fez coisas como qualquer um. Como, por exemplo, atacando a mulher a caminho do banheiro. Vinicius não tinha medo. Aliás, tem uma frase muito chula dele que era assim: “Enquanto eu tiver língua e dedo, mulher nenhuma me mete medo”.

Não adianta colocar Vinicius num pedestal. Sabe o que ele faria num pedestal? Xixi...

NT - O material com Toquinho rendeu, enquanto o depoimento de Jorginho Guinle, apesar de lacônico, lembra que Vinicius viveu numa época tão cheia de glamour, quanto de tabus.

O que sentiu ao lidar com lembranças compartilhadas pelos mais importantes artistas da história da música contemporânea?

AS - Foi a última entrevista do Jorginho. Ele morreu uns dois meses depois, eu acho. Não podia nem falar direito. Só falou porque era sobre Vinicius. Mas a Christina Gurjão contou que quando saiu vendendo o livro do Orfeu, Jorginho não comprou. Com toda aquela grana.

Era amigão do Vinicius, tinha uma grana preta mas não comprou o livro cujas vendas financiaram a montagem da peça. É difícil dizer o que eu senti. A cada frase eu sentia uma coisa. E sofria. Sofri quando Francis Hime, depois de ter marcado encontro, desistiu.

Mas o Carlinhos Lyra, que gênio! A Miúcha, que graça. A família Buarque. Fui muito amigo da irmã dela, Ana de Hollanda. Uma cantora incrível. Se não fosse irmã do Chico.

NT - É possível estabelecer vínculos entre Vinicius e os artistas de hoje?

AS - Nádia: todos os brasileiros amam o Vinicius. E também os artistas. Esse é o vínculo. Você já viu alguém falar mal do Vinicius nos últimos 90 anos? Esse cara não existe! Enchia a cara, mas não era um bêbado. Fazia letra de música, mas não deixava de ser poeta.

Não tem artista igual a ele. Nem parecido. Nunca haverá.

NT - Qual foi a entrevista mais gostosa de fazer?

AS- Essa que você está fazendo comigo...

NT - Em sua opinião, a obra de Vinicius tem recebido o devido valor no Brasil e no exterior?

AS - Pra variar, o Brasil não ama seus artistas como eles merecem. Aqui é mais fácil esculhambar que elogiar. Vinicius teria que ter uma estátua. Um museu. O cara é um monumento.

Mas o que se conhece da obra dele? Quantos poemas dele são temas de aulas de literatura? Nas faculdades de Letras tinha que ter uma cadeira Vinicius de Moraes. Esse cara tinha que ser estudado. Nos outros países ouviu-se mais músicas dele do que aqui. Muito mais.

Brasileiro prefere fazer piada a uma homenagem. A gente não é chegado em homenagem. Logo vão dizer: ah, você é puxa-saco! O máximo foi chamarem uma Rua de Vinicius de Moraes. Mas Vinicius merecia ser nome de país!

NT- Existe algum projeto de peso no Brasil para manter a chama da arte Vinicius, voltado para as novas gerações?

AS - Isso é com as filhas dele. Elas são as donas de tudo o que ele fez. São donas de sua imagem. Nada se faz sobre ele sem elas. Elas fizeram um site maravilhoso, www.viniciusdemoraes

Mas nem a Globo tinha como homenagear Vinicius. Pergunte ao Boni. Se Vinicius fosse meu pai, eu ia adorar que sua imagem virasse um poster nacional. Que os poemas dele fossem a logomarca do Fantástico, do Jornal Nacional. Por que Vinicius não foi meu pai?

NT - Como a obra é recebida pelo público? Qual a agenda de lançamentos?

AS - A minha agenda de lançamentos é você, Nádía. Você, com a tua força espontânea, juvenil, alegre, viva, você que não me conhece, não sabe se sou feio ou bonito, se sou vesgo ou coxo, se sou gordo ou magro, se tenho mau hálito, se tenho pensamentos tortos, você, Nádía, é minha agenda.

Você é que está com a chama do Vinicius na mão. Acesa, levando pro

pódio. Você é tudo. Se vou pra Goiânia? Pra Brasília? Quem sabe? Quando, não sei.

NT - Em que projetos você está trabalhando?

AS - Eu sou editor-executivo de uma revista que circula em Brasília. Talvez em Goiânia também. É a SRAS & SRS. Faço muitas entrevistas. Depois, faço revistas por encomenda, adoro fazer revistas. Escrever, editar. Faço poesias de vez em quando. Músicas. Tenho um parceiro, o Sergio Mello. Temos 100 músicas prontas. Veja um poema que escrevi pro Vinicius:

Ave poeta cheio de graça
nuvem de fumaça
a caminho da UTI
do Itamaraty
Poeta nosso que estás
no céu de Ipanema
rogai por nós, poetas menores
agora e na hora dos nossos porres
Ave poeta que sempre nascas
porque nunca morres

NT - Como concilia jornalismo e literatura?

AS - Tudo é uma coisa só. É escrever. Juntar palavras. Jornalismo ou literatura, tanto faz. É uma palavra atrás da outra. Ficção ou realidade? É tudo realidade. É tudo ficção.

Ah, tenho um projeto muito legal: um livro sobre o Brasil em 1840. Foi ano em que Dom Pedro II tinha 14 anos e comprou a primeira máquina fotográfica do país. E um francês plantou aqui a primeira colônia socialista do mundo. Claro que foi acusado de tudo, até de sedução. Era, de fato, um cara, sedutor.

NT – O que gostaria de acrescentar?

AS - Nádia, teu nome é lindo. Timm, um sobrenome mais lindo ainda. Amo esse nome. Amo você. Fale mais comigo.

Mas queria acrescentar o seguinte:

“Sou um russo que desaprendeu o russo e não aprendeu o português.

O Chico Buarque não gosta de mim. Mas sua irmã gosta. (Ou gostava.)

Eu sou aquele que comeu a entrevistada.

Eu sou aquele que perguntou ao Medeiros qual mulher falava ao seu pau.

Eu sou aquele a quem o Gilberto Gil, antes de ser ministro, disse que experimentou homem, mas era muito picante...

Sou aquele em quem o Paulo Caruso tentou passar uma rasteira...

O Mario Borgneth não gosta de mim. Nem eu dele.

O Robson Moreira não gosta de mim. E eu dele muito menos.

Meus ídolos são Beto Carrero, Mino Carta, Hamilton Almeida Filho e Tarso de Castro.

Meu prato favorito é um pedaço de pão. Melhor ainda se for com alho.

Eu sou aquele que não atura a censura. Mesmo quando não há ditadura.

Eu sou aquele que pergunta. Porque não tem respostas.

Já fiz amor em vários lugares. Até numa revista.

Fiquei preso, em 1973, por 45 dias. Fiz 45 poesias. (Mas, por favor, da próxima vez espero que me forneçam papel e lápis.)

A cigana me disse que vou ficar rico fazendo teatro. Pano rápido.

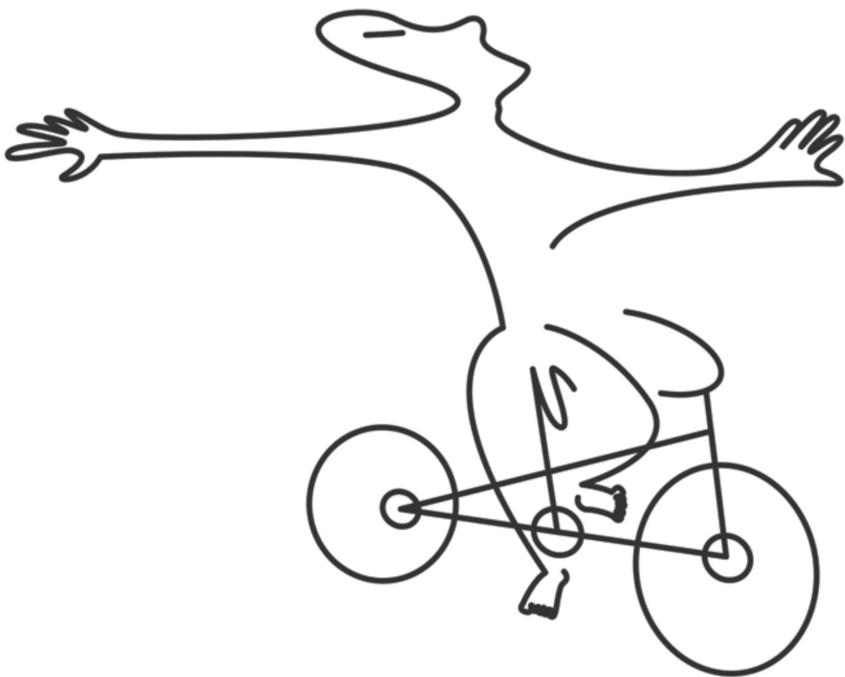
Quem ama, não mata. Mas manda prender.

Duas mulheres quase me mandaram pra prisão. Assim saberiam aonde eu dormiria toda noite.

O casamento tem dois momentos alegres. Quando começa. E quando termina.”

É isso aí.

Alex



“Liberdade para as bicicletas...”

Uma escritora às voltas com HH

Ela teve a ideia, ou melhor, o impulso de voltar à obra de Hilda Hilst numa quarta-feira. Era dia do aniversário de Brasília, a cidade tinha parado e Celina teve tempo, naquela tarde ensolarada, para buscar um dos livros de sua coleção, conferir a biografia da autora na Internet e descobrir maravilhada a coincidência: naquele dia, 21 de Abril, HH completaria 80 anos!

Nenhuma linha na mídia sobre isso, nada, nada... Abriu *Contos d'Escárnio – Textos Grotescos*, o último da trilogia obscena da autora, publicado em 1990. Logo nas primeiras páginas se deslumbra com o têsão que emana daquele personagem absorto em contar suas aventuras sexuais de uma forma livre de qualquer pudor, uma literatura sem medo do escracho pornográfico.

corajosa, essa Hilda.

Depois de quase vinte anos, a obra continuava atual, forte, visceral. Hilda havia optado por esta linha de trabalho, trazendo a tona uma carga de sexo intenso, à brasileira, insana, onde o elenco parece ser movido pela genitália. O protagonista Crasso resolve escrever seu próprio livro, já que considera tudo uma grande asneira na literatura nacional.

que porra de vidinha a minha.

inveja dessa gente que jorra da imaginação de HH, transando muito, chupando, dando, trepando, comendo, fodendo.

eu aqui fodida e meia.

sem grana, sem gozo.

Celina fecha o livro, sente vontade lembrando as cenas eróticas. Não pode, não deve. Não que jogar a energia fora. Lembra das histórias de Balzac que disse a uma de suas amadas, que naquele encontro, com o desperdício de energia, ou esperma, ou sei lá, havia deixado de escrever um livro.

gozou, jogou no lixo o elixir mágico, o sangue da criatividade.

Sai do apartamento, vai caminhar pelas alamedas floridas. Novamente, Crasso chega, invade os pensamentos. Turbilhão de mulheres nuas, bocetas, línguas. Crasso contando suas aventuras. O cu tatuado em homenagem a Ezra Poud.

louca essa H.

o pai dela era mesmo.

Celina quer voltar ao livro, mas aquela sensação que vai novamente sentir um tesão descontrolado lhe dá medo. Talvez, culpa. Lembra da cena do tio Vlad morto com a minhoca de fora. Chupado até a morte pelo coroinha. O belo menino de 14 anos. A Igreja e suas hipocrisias, sempre.

o estrago está feito.

carrego uma culpa nem sei de que.

talvez desse desejo de prazer que está no corpo e vai além dele.

não é como uma lâmpada mágica que se esfrega e surge o milagre dos pedidos realizados.

Celina não sabe como chegar além do orgasmo. Como a maioria, fica no espasmo, instante apenas, e continua a espera que algo aconteça, mas nada rola.

E o desejo aumenta. A raiva também. Ódio de mulher histérica, mal comida, mal amada, diriam antigamente. Sabedoria dos antigos. Hoje, dizem que é o estresse, TPM,

Leu em HH: os antigos frequentavam bordel. Faziam sexo em grupo, depois iam para seus lares.

A hipocrisia tem lastro. Naquele Brasil, dois tipos de mulher, ou pra casar ou puta. Era assim. Tinha muita puta casada, dizia sua mãe. Tinha muita mulher histérica, levando tapa na cara para voltar e se controlar.

controlar. Se controlar. Ser controlada.

podiam encontrar alguma manuscrito no Mar Morto que desvendasse esse mistério. O que é o sexo, que portal mágico ele abre ... Ou fecha.

Agora se sente personagem. De qual livro ruim? Filha de qual autor medíocre? De onde teria saído aquele enredo vidinha besta. Mais tarde debaixo das jabuticabeiras de um Palácio no sertão, ela toma um pileque de cerveja e sonha filmar uma história de HH.

No céu, a Lua cheia imensa clareia a noite quente. Entre as conversas, brinca, faz jogo de cena, não quer contar, não quer entregar seus planos. Os produtores estão ligados nos papos, loucos por um roteiro que possa render grana fácil, em algum projeto cultural patrocinado pelo governo.

Celina sorri, tem certeza que encontrou um prazeroso caminho. Ao chegar em casa, retoma o texto e escreve:

“Era uma vez uma bunda mágica. Bastava um carinho nela, um remelexo, que ela realizava o pedido. E era sempre o mesmo. Desejo entrar nas suas entranhas e no calor de seus abismos delirar, colher a flor mais cobiçada, o prazer de ter prazer contigo. E a bunda atendia.

No vai e vem das coxas, no joelho forte, firme base para suportar a dança, ela era o sonho dos rapazes, loucos para descobrirem o prazer escondido por baixo dos recatos e pudores...”

Golpe de Mestre

Montei sobre a barriga
Estiquei as pernas para trás
Colei meu rosto no dele
E com as mãos firmes
suaves
O estrangulei

Cinema fora do gueto

com Ismail Xavier

Um dos principais teóricos de cinema da América Latina, o professor Ismail Xavier, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), lançou o livro *O Cinema no Século*, em 1997.

Nesta entrevista, realizada durante o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, ele fala sobre esta obra, que reúne textos de críticos brasileiros e estrangeiros, analisa o impasse do cinema nos anos 90 e a intensa produção de curtas-metragens no País. Observa também o quanto o cinema, como um segmento artístico, está interligado - e interagindo - com outros aspectos da cultura e da sociedade.

NT - Qual a proposta do seu livro *O Cinema no Século*?

IX - Esse trabalho foi resultado de um evento que organizei no Museu de Arte e do Som, de São Paulo. Eram palestras para fazer uma reflexão sobre cinema, no momento do centenário do cinema, que foi no período de 94 e 95, para discutir a relação do cinema com as outras artes. Participaram conferencistas que falaram das relações entre cinema e pintura, cinema e poesia, cinema e teatro, cinema e música, e outras.

A proposta também foi discutir a relação do cinema com aspectos mais gerais da cultura e da sociedade. Então, tem cinema e jornalismo, cinema e história, cinema e sexualidade, etc. Este conjunto de palestras foi transformado em artigos que compõem o livro, numa tentativa de discutir o cinema, retirando o cinema do gueto. Tentando abrir o diálogo de quem pensa cinema com quem pensa outras artes.

Inclusive pensando o cinema no conjunto da cultura e da sociedade, este movimento de vai e vem, entre o que é e o que não é cinema. Este foi o espírito do livro.

NT - E quantos autores foram reunidos?

IX - São 19 autores, alguns estrangeiros, outros brasileiros. O que dá uma boa mostra de um certo estado de coisas, vamos dizer, na crítica brasileira. Eu não diria que ali está todo mundo, todos mais importantes, mas tem uma boa mostra deles. Tem um pessoal convidado, dos Estados Unidos e da Inglaterra.

NT - Neste contexto de globalização, como ficou o cinema em relação às outras artes?

IX - Espero que este livro ajude a direcionar o debate sobre o cinema, enquanto debate sobre um segmento da produção cultural que não está isolado. Nós precisamos debater o cinema enquanto fenômeno inserido num contexto bastante complexo de produção artística e principalmente agora que, com as novas tecnologias e as transformações pelas quais a arte fatalmente passa, se estabelece a necessidade de um balanço, digamos assim, de uma recolocação dos problemas.

E esta recolocação será tanto mais rica, e mais lúcida, quanto mais nós nos capacitarmos para pensar a questão da cultura em seu conjunto e não, cinema aqui, cultura lá, música acolá. É preciso ver estas coisas todas como segmentos que se interpenetram, que dialogam com uma força muito grande. Principalmente no contexto contemporâneo.

NT - Quais as perspectivas do cinema brasileiro?

IX - O cinema brasileiro está em um momento bastante promissor. Houve uma retomada significativa da produção de longas-metragens que vem a se somar a contínua produção de curtas que vem desde muitos anos.

Nesta retomada da produção está havendo uma diversidade de propostas que mostram uma inquietação por parte dos cineastas, muitos deles estreantes, e define diferentes caminhos que, em parte, dialogam com a tradição do cinema brasileiro anterior. E, sempre, nestes diálogos, estão fazendo aportes originais a certos temas, como o cangaço e a questão da violência urbana.

Estão definindo um diálogo do cinema com a literatura brasileira contemporânea e criando um novo debate. Alguns dilemas são os mesmos de sempre, como a questão: que tipo de cinema fazer? Se o interesse é

tentar um diálogo maior com grande público ou se o interesse é fazer um cinema mais de expressão pessoal, não é?

Apesar das diferenças todas, alguns dos temas - que já foram objetos de debate no passado - voltam agora. No Festival de Brasília, paralelamente à mostra de filmes, houve um seminário sobre a dramaturgia do cinema brasileiro contemporâneo e as perspectivas da criação, da intenção, vamos dizer assim, de um novo cinema a partir de agora.

NT - Em que consiste este conceito de nova dramaturgia?

IX - Eu participei de um seminário que tinha esse título, mas as próprias pessoas que participaram do seminário acharam que ele não era mais adequado. A ideia era de que nós estávamos querendo discutir o conjunto de filmes que apresentam propostas de dramaturgia interessantes, sem querer dar a impressão de que existe uma nova dramaturgia. Não se trata disso.

O que existe são experiências novas que estão sendo feitas e que geram debates sobre a questão da dramaturgia. Mas não se trata de algo tipo assim: existe um cinema novo.

Existem sim, propostas que estão aí, estimulando a crítica a fazer uma reflexão sobre o problema do que significa fazer um roteiro, do que significa fazer um filme hoje, nesta sociedade em que estamos vivendo, que não é a mesma que marcou a presença do cinema brasileiro em momentos anteriores.

NT - Como analisa este impasse que o cinema sofreu a partir dos anos 90, provocado pela política do ex-presidente Collor que desprestigiou a cultura?

IX - O cinema já vinha, ao longo da década de 80, passando por um processo de desgaste do modelo de produção até então existente. Quer dizer, a Embrafilme, como agência do Estado, era a principal organizadora, distribuidora etc. da produção e estava precisando sofrer uma grande reformulação. Isto acabou não sendo feito

Por outro lado, o mercado brasileiro encolheu muito. Nos anos 80, o cinema brasileiro teve crescentes dificuldades de diálogo com o público e havia necessidade de uma grande renovação. Ao invés de vir esta reno-

vação, veio a repressão do governo Collor, que de uma maneira até certo ponto vingativa, atacou a cultura, de um modo geral. Não foi só o cinema que foi atingido. E criou aquela tábua rasa, extinguindo os canais de debate, que permeavam a produção cultural brasileira.

NT – Quando surgiu uma luz no fim do túnel?

IX - Felizmente, a partir do governo Itamar, uma nova lei que foi criada, a Lei do Audiovisual. Agora ela foi aperfeiçoada em alguns aspectos e criou um quadro mínimo, legal, para viabilizar o cinema, um cinema que é ainda subsidiado pelo Estado, através da renúncia fiscal.

Mas dentro de um esquema mais descentralizado, o mecanismo de financiamento é outro e facilita a descentralização da produção. Pólos novos de produção estão sendo criados pela nova situação. Em função disto houve este grande impulso nestes últimos três anos para a produção cinematográfica.

NT - O que achou dos filmes da mostra competitiva do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, particularmente do filme *Miramar*?

IX - *Miramar* é um filme extraordinário, que mostra muito bem a continuidade do processo criativo de Júlio Bressane. Nesse filme, ele faz uma reflexão sobre o seu próprio cinema, usando como elemento mediador essa história que se chama tradicionalmente de romance de formação do jovem.

Nós temos então, se você quiser, uma ficção narrada. Nós temos um momento em que um determinado jovem faz a opção por fazer cinema e, neste sentido, a gente tem a continuidade da reflexão do Júlio sobre a relação entre cinema e literatura, no Brasil. Particularmente privilegiando autores como Machado de Assis e Oswald de Andrade.

A reflexão do cineasta brasileiro também faz referência à reflexão do Eisenstein. É um trabalho muito depurado, do ponto de vista da composição visual, muito apurado do ponto de vista da busca de uma expressão que se apoia em um esquema - eu diria - minimalista de construção das situações dramáticas e que dá muita ênfase ao aspecto visual, sonoro do cinema, entendido na sua acepção mais ampla.

NT - A produção de curtas-metragens é intensa no País: nos últimos dez anos foram produzidos mais de 750 filmes. Qual a sua análise?

IX - O curta-metragem é um dos setores da criação mais destacados no Brasil. Nós temos, desde os anos 60, uma produção de curtas importante, que foi acompanhando as diferentes fases, diferentes transformações culturais e estéticas.

O curta durante os anos 80 teve uma extraordinária importância enquanto fórum de debates e de manifestação de uma permanência da inventividade no cinema brasileiro, inclusive até de uma sobrevivência nos momentos mais críticos.

Ele mostra, neste ano, a sua condição de um setor ainda extremamente vigoroso. Porque, veja bem, nesta euforia que está sendo criada em termos de uma retomada do longa, muita gente pensa que o curta já cumpriu o seu papel e não se trata disso.

Acho que cada uma das modalidades de produção tem o seu próprio caminho. Eu não encaro o curta como uma espécie de antevéspera do longa.

Há cineastas, e a gente tem exemplos disso, que fazem toda uma carreira com os seus curtas. Como existem escritores que passam toda a sua carreira escrevendo contos. Então, aí no caso, tamanho não é documento.

NT - Qual a sua opinião sobre a Lei do Curta que obriga os cinemas a exibirem esta modalidade antes da projeção de um longa?

Está havendo um debate sobre a retomada a Lei do Curta que eu, infelizmente, não pude acompanhar. Não poderia comentar, mas acho que este debate não é muito simples, não. Em princípio, eu apoiaria, mas para falar com segurança precisaria ter acompanhado o debate e não acompanhei.

Tizuka Yamasaki: cinema e autoestima

Tizuka Yamasaki, um dos nomes de maior projeção do cinema brasileiro foi convidada de honra no lançamento da segunda edição do Fescine Goiânia, que realizado em 2006. Na época, ela filmava *Amazônia Caruana*, baseado no livro *O Mundo Místico dos Caruanas da Ilha do Marajó*, de Zeneida Lima e estava encantada com o trabalho.

Em entrevista exclusiva, entre vários assuntos, a cineasta destaca a importância da realização dos festivais, para o público e para o desenvolvimento do cinema nacional.

Trajetória marcada por sucessos, seu primeiro longa-metragem de como diretora, *Gaijin - Os Caminhos da Liberdade*, de 1980, foi premiado como melhor filme no Festival de Gramado, em 1980, e Menção Especial pelo júri do Festival de Cannes, na França. Atualmente, dirige a série *As Brasileiras*, da rede Globo e, entre os trabalhos na telinha estão as novelas *Kananga do Japão* e *Amazônia*, e as minisséries *A Madona de Cedro* e *O Pagador de Promessas*.

NT - O que representa para o cinema brasileiro a realização de um festival de cinema em Goiânia?

TY - Eu acho que é muito bom para o realizador nacional que tem mais um espaço para expor o seu trabalho. É muito bom para o realizador local porque ele é incentivado a dar prosseguimento aos seus projetos com cumplicidade do governo e cumplicidade das empresas locais.

O que acho mais importante ainda é você ganhar público. É o público ter acesso à produção audiovisual brasileira e a formação de novas plateias também. Então, ganha todo mundo. Ontem, quando fui ao cinema municipal estava passando um curta daqui sobre a procissão do fogaréu. Foi engraçado porque estávamos falando sobre o assunto, eu sempre tive vontade de ir à procissão, fui estudante de Brasília...

Acabei vendo o filme... Aí fiquei pensando assim: olha que legal, uma plateia de goianos assistindo um filme sobre um assunto da região. Muita

gente pode já ter visto e muita gente não. Quem não viu vai ficar com vontade de ver e quem já viu vai ficar com o ego extremamente aquecido. Acho que o cinema tem um poder de levantar a autoestima, o que é muito bom. No momento que você coloca qualquer assunto numa tela de cinema, você dá a este assunto um outro status. Um status de importância que ajuda a valorizar - não apenas a essa cultura local - como ajuda a difundir essa cultura para outros estados, outros países, o que dá a plateia local muito orgulho. Isso é muito importante. E o festival tem esse papel, que é na verdade criar a autoestima.

NT - Como avalia o formato do Festcine que reúne com mostra competitiva, universitária e de vídeos caseiros, além de oficinas?

TY - Olha, eu acho a programação do Festcine de Goiânia muito mais rica do que as que tenho visto, porque ela atende ao produtor nacional, à produção local, à plateia, à capacitação de mão-de-obra e é um serviço à comunidade. Acho que é muito bacana mesmo.

NT - Os festivais pipocam Brasil afora, este fato está refletido na produção e na qualidade dos filmes brasileiros?

TY - Claro que se reflete. Talvez você não tenha um grande festival, mas você tem vários festivais. Então, imagina... Uma plateia daqui vendo um filme que foi feito lá no Rio Grande do Sul, é uma novidade. Assim como de repente um filme goiano ser apresentado em um festival lá no Pará. É genial, isso. Acho muito bom!

NT - A linguagem cinematográfica está sendo atualizada no Brasil?

TY - A linguagem vai de acordo com a produção e de acordo com o que se passa no país. Não tem como não se atualizar, porque o cinema vai sempre à reboque da sociedade brasileira. O cinema vai sempre a reboque de sua comunidade.

NT - Qual a participação das mídias eletrônicas no processo de desenvolvimento do cinema no Brasil e no mundo?

TY - Difusão e troca de informações.

NT - E em relação à construção de linguagem?

TY - Isso é muito particular. Muito pessoal. É evidente que se o criador usa da linguagem eletrônica para trocar informações, para trocar idéias,

para ter acesso às novas informações, para facilitar sua vida operacional.

NT- De que forma o público responde ao cinema brasileiro contemporâneo?

TY - Há alguns anos, eu já vi bilheteira de cinema, ou porteiro, dizendo assim “olha cuidado que esse filme é nacional”. Hoje, ao contrário, eu vejo que a platéia se sente envergonhada se não acompanhou, se não esteve presente num lançamento de um filme brasileiro. Hoje, ao contrário, eu vejo o cinema brasileiro tem importância que não tinha antigamente.

NT- A questão da distribuição ainda é crucial?

TY - Sim, é crucial. As distribuidoras são ainda as estrangeiras, não temos uma distribuidora forte compatível com a produção local e há um grande cardápio. E há falta de salas populares.

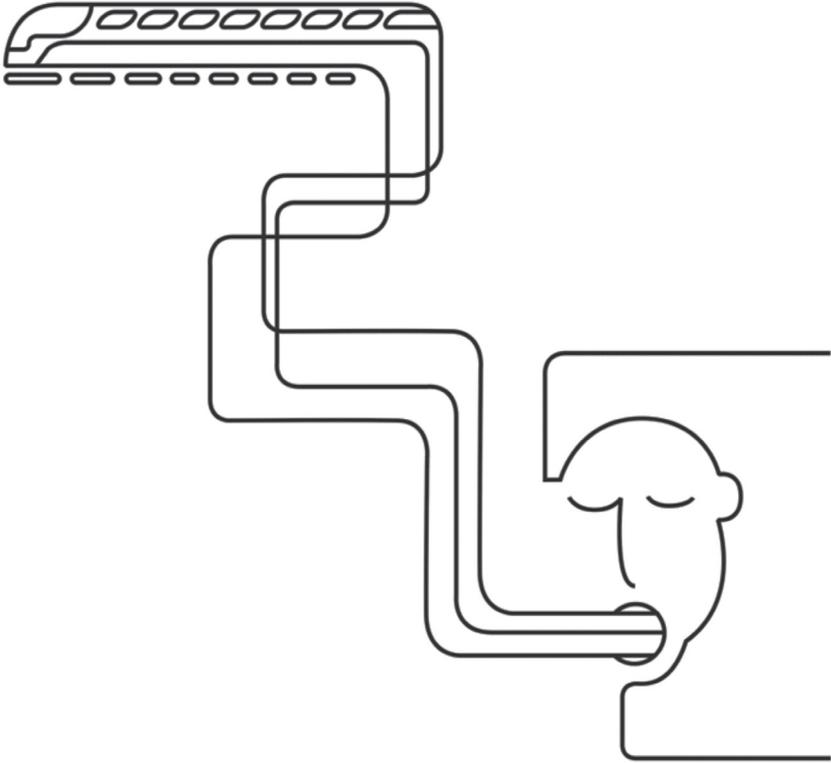
NT - Em qual projeto você está trabalhando atualmente?

TY - Estou implantando a produção de um novo filme chamada *Amazônia Caruana*, lá no Estado do Pará, que será filmado na ilha de Marajó, Belém, Ilha Mexiana, onde são minhas locações.

É história de vida de uma mulher extremamente interessante porque ela é pajé, talvez a única pajé letrada da cultura cabocla. Ela tem um conhecimento impagável sobre toda essa cultura raizeira, ela trabalha com energia e acho que hoje ela emblematicamente é a grande defensora da Amazônia, na natureza brasileira.

Eu acho que nós brasileiros que somos guardiões dessa Amazônia a gente tem no mínimo conhecer. A Amazônia é desconhecida dos brasileiros, conhecida apenas por um pequeno segmento, cientistas, ou até turista, mas na verdade desconhecido.

Para defender a Amazônia, você precisa amar este território e para você amar, precisa conhecer. Eu como cineasta parti para apresentar um lado da Amazônia, o lado mágico do universo da cultura cabocla.



Trem bala...

Jiu-Jítsu, a Arte Suave

a perna gira
e prende o ombro
depois, por baixo,
a mão procura
abraça a coxa.

o movimento leva o rosto do adversário ao chão
em impulso, salta
gira novamente
e monta
as palavras brincam no tatame

o corpo se estende na página branca
artes marciais e poéticas têm a leveza de uma noite de Verão
deliciosa
livre para o Amor.

Índios

Era um tempo de solidão. Assistir televisão, esquecer a tarde escorrendo lá fora, na chuva. Quanto mais tentava, mais mergulhava nas lembranças. Havia a mata, a floresta vista de cima, do avião. Havia a clareira, a pequena aldeia, a lagoa.

De cima, verde, verdes, serpentes-rios, miniaturas, casinhas de brinquedo, gente-formiga. E também tinha a nuvem enorme, transparente, translúcida. Dentro do avião, ela e D.Clara, Bete, rapazes e o chefe da Funai. Lembrava das risadas, do fotógrafo da Reuters extasiado. Beautiful. Sensação de que seu mundo desabava por dentro, desmoronava, queria voar para longe, bem fundo, para dentro dos seus sonhos.

A sensação de imenso desamparo. A fragilidade de seus ossos que doíam, dos músculos contraídos, de câimbras na madrugada e de cansaço. Mas precisava viver, precisava trabalhar, tem os filhos. Teria de suportar a tensão das horas demarcadas, do pouso, de voltar ao desconhecido mundo dos problemas banais. Conseguir um copo d'água, comer algo.

Recordava a pressão do tempo, de seguir trabalhando, anotar, observar o ritual dos índios naquele Quarup a Orlando Villas-Boas. Milhares de índios, dezenas de etnias, centenas de crianças. Nenhum choro ou grito. Havia sim calor, poeira, danças, canções e fogueiras. Uivos na noite fria. Banho coletivo na lagoa, ao amanhecer.

Anotava no bloco o que via. Por dentro, ainda a sensação de desamparo, de solidão que não pode ser demonstrada, uma dor na alma, no âmago, algo para não ser explícito. Isto escondia. Isto não estaria na reportagem.

Era o ponto fraco do seu ser. Aquela sensibilidade imensa, profunda, capaz de perceber, de tocar o mistério da morte. E a morte estava ali, sentia. Ela lia nos olhares, no movimento dos corpos, conseguia ver, assistia, triste vidente, aquelas horas do fim.

Fumou com os caciques e pajés a noite inteira em volta da fogueira. Ouviu histórias, escutou sons de muitos idiomas, assistiu ao movimento da Lua e estrelas, na madrugada fria. Dormiu um pouco na

rede, dentro da oca, e acordou com a invasão de jornalistas com seus flashes e vozes estridentes. Odiou o branco, estúpido.

Mais tarde, quando retornou à cidade, viu na tevê o presidente da república do Brasil debochar dos índios dizendo que eles incendiavam a floresta com suas queimadas.

Lembrava bem, o fotógrafo estrangeiro plantara as fotos mundo a fora. Pequenas roças queimadas transformadas em estardalhaço internacional. Cinismo incapaz de dimensionar a força daquela cultura ancestral.

Pouco tempo depois viu, como um pesadelo, o avião explodir. Era o fogo, e a dúvida, acidente ou atentado. O jovem presidente da Funai, o que mais havia demarcado terras para os índios, contrariando os interesses de muita gente, estava morto.

Ao saber da notícia, correu para ver o tal acidente, não podia acreditar. Naquele bairro distante, entre muros e telhados caídos estavam partes do avião em que viajaram duas vezes.

Talvez algo na gasolina. É fácil explodir um avião, comentaram. Matar, mentir, enganar é tão fácil neste país, brincaram.

Naquela tarde de chuva, entre raios e trovões lembrava, recordava, cismava... Sentia saudade dos povos da floresta. Havia a mata, a floresta vista de cima, do avião.

Havia a clareira, a pequena aldeia, a lagoa, a festa. Um Xingu, de verdade.

Crônica do Rio

Já imaginou o que é a felicidade para uma piranha?

Que tal abocanhar as coisas da vida, responde Alice.

Carlos diz: que nada, a felicidade seria ter um rio só pra ela, assim escolhe quem pode degustar.

Alice, animada, responde: um rio de janeiro inteiro, no carnaval.

Carlos: boa, lá já tem os barcos furados

Alice, completa: E bueiros quentes.

Carlos: Bueiros Aires!

Alice explode a gargalhada.

Carlos: Argentinos “locos” pra caírem na rede, na rede de comando vermelho.

Alice: Atirando pra todo lado...

Carlos: E deixando as piranhas felizes com as possibilidades de selecionar os argentinos dos bueiros Aires.

Alice: Piranhas fazendo arrastão de meia-arrastão.

Carlos: Piranha num arrasta, ela arrasa...

Alice: Deixa tudo mastigadinho...

Carlos: Exatamente, assim a digestão é total.

Alice: Este enredo já rende uma crônica!

Carlos: Sim, de repente uma piranha caipira chega à cidade do Rio e ela fica doida ao descobrir que lá “num” tem rio que se preste...

Palavra

a palavra tira com a mão a dor que ronda o corpo
acaricia a pele
beija de leve
cheira o cabelo
a palavra cura esta dor

Vem do fundo o remédio abissal:
o verbo.
escrever com o corpo sobre a frágil linha
equilibrar a letra bailarina

delicada veia pulsa.
está no sangue, na dança do DNA
o veneno e o milagre

o sabre desenha no espaço,
no vazio,
a palavra transborda

velocidade da luz

energia que expande

até a super ação
renunciar
e ser pleno,

na solidão dos dias e das noite,
na brincadeira
criar coragem para ser,
Ser Caligrafia,
Corpografia

Maria Tereza Matarazzo: machismo é doença sexualmente transmissível

Disposta a abrir a cabeça das mulheres, a socióloga e sexóloga Maria Helena Matarazzo participou do 1º Encontro Goiano “Mulheres e Negócios”, em abril de 1997.

Nesta entrevista ela fala sobre o que estava mudando no comportamento feminino, que lentamente se transformava. Aos poucos, diz, vamos deixando o “marianismo” (marianismo?) de lado. E os homens vão abandonando o machismo.

O processo complexo determina não só as relações pessoais, alerta. O preconceito atinge em cheio a mulher enquanto ser produtivo, com direito à felicidade de respeitar seus limites, sem culpas. Machismo é bem conhecido, mas e esse tal “marianismo”? O que é isso? Descubra abaixo e nunca mais se sinta inferior.

NT – Qual o papel da mulher na sociedade. O modelo da tal Amélia, a que seria mulher de verdade, ainda corresponde à realidade?

MH – Graças a Deus as coisas estão melhorando para as mulheres. Estão mudando, mas ainda falta bastante. É a tal luta pela igualdade que a gente vem travando desde os anos 70, mas no Brasil, em determinadas regiões, ainda predomina o machismo. À moda antiga.

NT – E qual é a definição de machão?

MHM – Machão é o homem que só faz aquilo que ele quer, quando ele quer, como ele quer e se ele quer. E a mulher do machão? É aquela que faz aquilo que ele deixa.

Então ele fala assim: eu deixo a minha mulher trabalhar. Não porque isto é bom pra ela, vai fazer ela feliz, ou se realizar. Não.

Uma vez, eu estava em Salvador e nós estávamos falando sobre esta questão e você acredita que um homem na platéia disse: “Eu deixo minha mulher rir”. Quer dizer, ele a controlava de tal maneira, que controlava os sentimentos dela também. Agora, graças a Deus, Isso tudo está

mudando. Porque o oposto do machismo é o “marianismo”. É justamente esta a condição da mulher.

NT – E o que é marianismo?

MHM – O machismo é o homem se sentir superior, pelo simples fato de ter nascido homem e o marianismo é o fato de a mulher se sentir inferior, se sentir diminuída.

NT – Hoje, mulher sustentar homem é uma coisa muito comum. Então a Amélia moderna é independente financeiramente, mas ainda com emocional dependente?

MHM - A interdependência em si mesma não é ruim. Ninguém é uma ilha. Ninguém pode preencher todas as suas necessidades sozinho neste mundo. É difícil. Já que a gente tem que crescer na vida é melhor crescermos juntos.

O ideal é quando um ajuda o outro a crescer. É ser o melhor de si mesmo. É diferente de uma relação de dominação e submissão. Mesmo com esta coisa irônica de que a mulher agora muitas vezes tem mais dinheiro, e ainda fica por baixo. Mas eu acho que a gente vê mudanças. O machismo está mais *soft*, mais suave.

NT – O antropólogo Darcy Ribeiro dizia que a mulher brasileira quem, na prática, é a cabeça do casal, quem assume as responsabilidades. O que leva a mulher a ter esse tipo de comportamento e, mesmo reclamando, insistir em carregar o peso do mundo?

MHM – É verdade. A gente costuma dizer que a mulher vive mais do que o homem porque ela cuida da vida. Amar é cuidar. E cuidar é amar. Então a mulher cuida da casa, das crianças, do cachorro, dos idosos. Ela vai pela vida fazendo isto. Este é um papel feminino muito importante na sociedade. Senão, desmorona tudo.

Com os movimentos de libertação das mulheres lutaram pela igualdade, elas tentaram dividir isto, para que os homens também ajudassem a cuidar. Mas mesmo nos países do primeiro mundo, não houve muitos

avanços. A mudança vai chegando devagar.

Os jovens têm um casamento mais democrático. Eu digo sempre, casamento não é prisão de cinco estrelas. Nem de quatro, nem de meia estrela. Casamento é esta caminhada pela vida. É para ser uma relação de troca, de dar e receber.

NT - Como lidar com o sentimento de culpa que deixa a mulher tão vulnerável às chantagens do marido e filhos?

MHM – Isto aí é uma batalha. Uma vez eu fui entrevistar uma médica. Ela tinha três filhos e trabalhava numa empresa. Ela falava assim: todo dia eu acordo de manhã e levo para meu trabalho a mala da culpa. Tem dias que esta mala está levinha.

É quando a família está bem, está tudo em paz. Tudo sob controle, mas tem dias, quando as crianças estão doentes ou não tenho ninguém para ficar com eles em casa, aí a mala da culpa parece de chumbo.

Este é o dilema de todas as mulheres que trabalham no mundo. Elas têm que se dividir entre a família e o trabalho. E você não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Então, a sensação é de que o que você dá para a empresa, você rouba da família. E o que você dá para a família, você rouba da empresa. Isto cria uma angústia.

NT – Como a mulher pode harmonizar a família e o trabalho?

MHM – Para isso existem várias recomendações. Trabalhar em horários flexíveis, trabalhar o mais perto possível de casa, porque assim numa emergência elas podem socorrer. Quando os maridos apoiam ajuda muito. Também quando tem alguém para ajudar a culpa diminui bastante. Há 30 anos mais ou menos, a mulher está fora de casa. E dentro. Então, ela tem dupla jornada.

NT – Chega a ser tripla...

MHM – Sim. Tripla jornada porque, além de ao chegar fazer tudo que precisa, ela tem que fazer muito mais.

Eu tinha uma cliente que era dona de uma escola e tinha três filhinhos.

Ela chegava à noite em casa e rezava assim, no elevador: Deus, dai-me forças para aguentar o terceiro *round*. Entende? Ela tinha levantado às cinco da manhã. Hoje em dia as mulheres fazem mágica mesmo.

NT – Há alguma recomendação especial para esta mulher que tem tantas jornadas de trabalho?

MHM – Ela tem que se proteger, se poupar.

NT – De que forma?

MHM – Delegando, dividindo com os filhos, com o marido. Às vezes, com uma empregada. Com quem ela puder dividir as responsabilidades. Mais flexibilidade nos horários também.

E ela precisa se cuidar. Olha o que a mulher faz. Ela vai se dando, se dando... Tirando de dentro dela. Nos EUA, onde as mulheres trabalham neste ritmo, tem milhões de mulheres exauridas.

NT – Por que a mulher entra neste processo de assumir tantas responsabilidades? Mesmo mais informadas e ganhando seu dinheiro repetem o comportamento, como se tivessem que provar que são capazes.

MHM – Muitas vezes a mulher trabalha mais do que os homens no mundo inteiro. No Brasil nem se fala. E ganha um pouco mais da metade do que o homem, no mesmo tipo de função, para exercer o mesmo cargo. Isto é uma grande injustiça, pelo simples fato de ser mulher, ela é contratada por um valor menor. Isto mexe com a cabeça dela.

NT – É resultado do machismo?

MHM – Sim e é igual no mundo inteiro, com raras exceções. São poucas as mulheres no mundo que conseguem ganhar um salário justo. Igual aos seus pares. Eu costumo dizer que o machismo é uma doença sexualmente transmissível.

Quer dizer, ela vem de pai para filho, de uma geração para outra. E é contagiosa. Por mais que você eduque seu filho para não ser assim. Eles

estão sendo influenciados pela televisão, pelos coleguinhas, pela escola... E a própria mãe reforça, às vezes.

Filho pode, mas a filha não. Tem duas morais. Isto é uma barbaridade. Por isso que a gente dá estes cursos e seminários. Para ir abrindo a cabeça das mulheres.

NT – No fundo destas diferenças está o fato de a mulher engravidar?

MH – Isto pesa muito. A gente costuma dizer que homens e mulheres nunca serão iguais, pelo simples fato de que homem não engravida. Isto faz com que o nosso destino, de certa forma, seja determinado por um fato biológico.

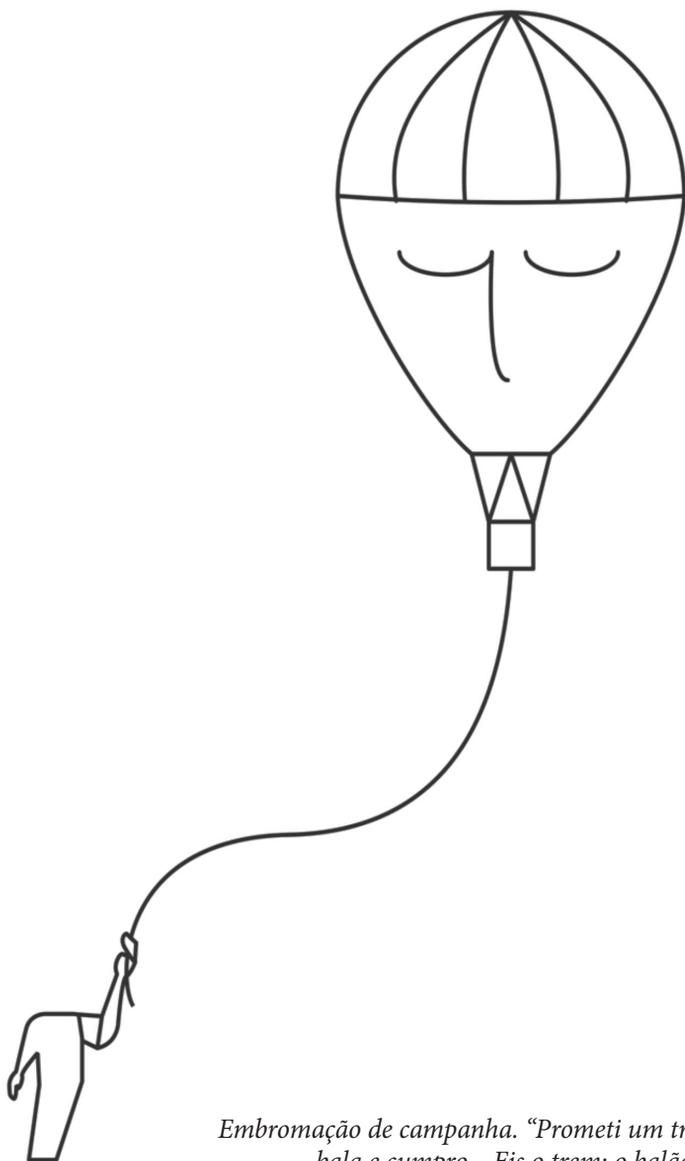
A mulher fica mesmo muito dividida entre ser mãe e ser profissional, estudar, se aperfeiçoar. Nos anos 70, elas acreditaram que podiam ser tudo e fazer tudo. Boa de cama, boa mãe, boa profissional, boa, boa, boa.

Depois de 20 anos as mulheres se deram conta de que isto é impossível, ninguém dá conta. Este é o desafio da geração atual. Quanto você vai dar para a família, para o trabalho e para você mesma.

NT – Qual a prioridade?

MHM – A gente dá mais para quem precisa mais. E, em certos momentos, quem precisa mais é ela mesma. Ela tende a se esquecer disto e colocar o outro sempre na frente.

Ela precisa aprender a se considerar importante. Mas é mais fácil falar do que colocar em prática.



*Embromação de campanha. “Prometi um trem
bala e cumpro... Eis o trem: o balão”...*

O Rapto

Ele estava saindo da Academia quando chegaram. Não repararam o quanto estava exausto, suado, depois de duas horas de treino pesado. Na cabeça, as lembranças dos golpes recentes no tatame, dos movimentos ágeis, da sensação de peso, exaustão. Foi pego de surpresa no estacionamento.

Puxaram para dentro do carro, percebeu a delicadeza das mãos. No escuro, sentiu perfumes e um cheiro mais forte. Pensou mil coisas: hora marcada, reunião adiada, agenda cheia da semana, a cárie, documentos da moto, infiltração no banheiro, cotação do dólar. Perdeu o controle da situação, apagou.

Quando acordou, as mãos voltaram. Carinhosas, tiraram a roupa dele. Trouxeram água e vinho. De olhos vendados, sentiu alguns toques, pensou milhões de coisas. No jogo do Vasco, sequestro relâmpago, levar o carro ao mecânico, buscar não sei o que não sei onde, viagem de férias, rodada de negócios, cronograma para a entrega, logística, mercado financeiro... Bebeu mais. Sem noção do tempo, cabeça rodando, dormiu como um anjo.

Era um homem bonito. Um belo exemplar. A pele saudável tinha brilho e tonicidade. O sorriso encantador, brilho nos olhos. Elas gostavam daquela explosão de vigor. Ficavam loucas por Vicente. Mas isto ele não lembrou, estava aflito na prisão, pensando em quanto valeria sua liberdade, quem poderia bancá-la. Sua mãe, talvez. Não via, nem falava com a velha há meses. Pensava trilhões de coisas, fazia contas.

As mãos, novamente, acariciavam. Levaram Vicente para o banho, massagearam excitantes, o excitaram num banho erótico. Ele parou de pensar no cachorro sem comida preso no apartamento, enlouquecendo a vizinhança, e se deixou levar pelo prazer dos dedos em toques. Depois a boca deliciosa derramando beijos pelo corpo.

Na cama, um amor feito às cegas, imaginando a dona da divina gostosura, entregue às curvas macias, em espirais, gozou.

Em seguida, no turbilhão do prazer veio a explicação. Escutou, ainda em êxtase, a bela voz da sequestradora.

Com alegria, emocionada, ela berrou: oba! Vou ter um filho!

O Poder do Prazer

((Entrevista com Rose Marie Muraro))

A escritora Rose Marie Muraro foi destaque do Encontro Estadual do Proler de Goiás e da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, em outubro de 2000, quando tive a oportunidade de entrevistá-la.

Os eventos contaram com o brilho da inteligência e da sensibilidade desta intelectual eleita nove vezes A Mulher do Ano, pelo Conselho Nacional da Mulher e que, em 2005, foi nomeada Patrona do Feminismo Brasileiro, pelo Congresso Nacional.

Em Goiânia, Rose Marie Muraro fez palestra e lançou o livro *Textos da Fogueira*, publicado pela Editora Letra Viva. O público conheceu de perto a autora, admirada por sua capacidade de superação e que, apesar de quase cega, atuou com êxito, como escritora e editora, participando de movimentos sociais importantes como a Teologia da Libertação.

Durante 17 anos, ela trabalhou ao lado de Leonardo Boff, na Editora Vozes, de onde foi expulsa por causa de suas idéias: em 1986, foi afastada da pelo Papa, depois de publicar *Por uma Erótica Cristã*.

Formada em Física, natural do Rio de Janeiro, Rose Marie Muraro nasceu em 1930, tem cinco filhos e 12 netos. Além de escrever obras instigantes, também se projetou como editora e palestrante em dezenas de instituições de ensino, nos EUA. Hoje, sua bibliografia reúne mais de 30 livros.

Nesta entrevista exclusiva, a escritora fala sobre sexualidade e poder. Otimista, considera que a nova geração tem uma nova estrutura psíquica e que um mundo novo está nascendo. Segundo ela, o pós-patriarcado já chegou.

NT – O livro *Textos da Fogueira* relaciona sexualidade e poder. De que forma se dá essa relação?

RM - Há oito mil anos, a sexualidade é o pior dos pecados. Desde o Gê-

nesis, quando Eva separou o homem de Deus por causa do ato sexual, o prazer é considerado o pior dos pecados.

E não é só o cristianismo, é em todas as culturas. A mulher é considerada a grande pecadora e, portanto, a escrava. Aquela que tem de fazer o duplo trabalho. A culpa do homem é uma só: ter desobedecido a Deus. A mulher tem duas culpas, ter desobedecido e ter feito o homem desobedecer. Por isso, ela é mais culpada e tem de ser mais castigada.

NT – Como isto se revela historicamente?

RM – Enquanto a sexualidade era o maior dos pecados, o poder era considerado vindo do sagrado. Toda pessoa que está no poder é Deus, filho de Deus ou uma encarnação de Deus. O poder tem direito divino, como nos reinados do cristianismo. Então, se o poder é sagrado, toda opressão e guerra são justas.

Onde está o pecado? Na sexualidade. Isso vem vindo até a Idade Média, quando se chega ao fundo do inferno, com a caça às bruxas.

Todas as mulheres que têm o imundo orgasmo, entre aspas, como o inquisidor diz, são cúmplices de satanás. Aí a sexualidade ficou satanizada, começou a perseguição às bruxas que não tem paralelo na história.

NT - De que forma o tema é abordado no livro?

RM - A metade deste livro eu dedico à história *Martelo das Feiticeiras*, que é o livro mais sinistro de todos os tempos. Eu ponho os demônios literalmente para fora. Mostro como eles tinham a noção da mulher como causa de todos os pecados.

Chegam a dizer que se não existisse a mulher, o coito seria muito mais interessante. Coisas neste gênero. Que a mulher é a grande pecadora, que Jesus quis nascer homem, que a mulher não pode ser reta porque nasceu de uma costela torta de Adão...

NT – São as raízes do machismo?

RM - Do patriarcado. O machismo é baseado nisso. São os problemas de fundo da condição da mulher. Os textos do *Martelo* são fantasticamente

terríveis. Mostram que a mulher copula com satanás.

Diziam, por exemplo, que as bruxas ao serem torturadas não choravam e que era o demônio quem colocava água em seus olhos. Por isso o meu livro se chama *Textos da Fogueira*.

Eu me defino como bruxa, como mulher orgástica e independente. Como todas nós, hoje. Se o inquisidor voltasse agora teria de matar a metade da humanidade. Todo mundo trabalha fora hoje e tem orgasmo.

NT - Como foi esse processo de libertação dos preconceitos?

RM - Este livro *Martelo das Feiticeiras*, o mais sinistro de todos os tempos, que tive a honra de publicar no Brasil, gerou no século 19 a libertação da mulher e muito mais no século 20.

Por causa desse livro, que influenciou muito, as mulheres entraram em pânico. Não podiam aprender a ler, não herdavam... No século 19, na revolução industrial começam a trabalhar... E no século 20, querem a metade do poder.

Quando o feminismo emerge como sujeito da história, a sexualidade deixa de ser pecado. Então é feita uma leitura do Evangelho mostrando que Nosso Senhor Jesus Cristo vivia entre mulheres promíscuas, adúlteras, prostitutas. No meio dos sodomitas. Todos estes, ele dizia, que iriam para o céu antes dos outros.

NT - Sexo e poder estão assim tão intimamente relacionados?

RM - Tudo isso é uma metáfora para mostrar que a satanização da sexualidade através do sagrado é para dizer que o poder, o genocídio e a guerra são justos.

As piores guerras de todos os tempos são as guerras religiosas, do sagrado. Se você tirar o caráter do pecado da sexualidade, imediatamente o poder aparece com a face satânica. Daí essa resistência à globalização, à virada do Brasil para a esquerda em busca de justiça.

As pessoas não podem mais chamar o sagrado como desculpa para fazer genocídio e guerra. Eu mostro no livro que satanás é o poder e não a sexualidade.

NT – Dizem que as pessoas que têm mais poder são mais dotadas de serotonina, a substância que proporciona prazer. Isso seria uma confirmação de que o poder é afrodisíaco?

RM – Não sei se as pessoas que estão no poder têm mais serotonina. Isso eu quero aprender. Olha que eu entendo à beça de química no cérebro. Não sabia tinham mais serotonina, sei que têm mais adrenalina. São mais ansiosas, estressadas...

NT – Como avalia a situação da mulher hoje?

RM – Quando a sexualidade era sombra, o poder era luz. Agora que a sexualidade é a luz, o poder vai para a sombra. O poder tem a ver essencialmente com a condição da mulher.

NT - Depois da revolução sexual dos anos 60, com o surgimento da pílula, a mulher conquistou mais liberdade para assumir seus desejos. Mas o que se vê ainda, em algumas regiões, é uma retomada de valores tradicionais, a manutenção da dicotomia santa-prostituta... Por quê?

RM - Isso só ocorre nas sociedades mais fechadas do Brasil. Mas você vê mulheres com possibilidade de se candidatarem à Presidência da República, tanto no Brasil quanto nos EUA.

Os EUA têm quase 50 milhões de feministas, elas são quase a metade do poder. No Brasil, são 10 mil e ganhamos 60% pelo mesmo trabalho que o homem faz. Ainda somos muito atrasados. Embora tenhamos um modelo dos excluídos que é único no mundo, do MST, das Comunidades de Base que estão organizando aqueles que o sistema joga para fora.

NT – O aborto ainda é um tabu na sociedade contemporânea. Nas eleições, por exemplo, o discurso conservador tira vantagens da condenação do aborto. De que forma os movimentos de liberação da mulher tratam a questão?

RM – A Igreja aceitou o aborto por 15 séculos dizendo que enquanto não houvesse alma no feto – no feto masculino era aos 40 dias e no feto feminino, aos 80 dias – o aborto não era pecado. Só era pecado mortal quando o feto estivesse feito. Isso foi do século 4 ao 19.

Só quando a Igreja perdeu os Estados pontifícios, quando perdeu o poder temporal o aborto voltou a ser crime hediondo. O mesmo ocorreu com os protestantes. A partir de quando eles tiveram poder, no século 19, abriram espaço para o aborto.

O aborto é um problema de poder, de controle da sexualidade feminina. Não é um problema teológico. Ainda há muita discussão sobre quando tem alma, sobre o que é ser pessoa. Quem aceita a pena de morte não tem autoridade moral para ser contra o aborto.

Toda patroa que pede empregada sem filho, se a empregada aborta, essa patroa é a culpada. Se uma sociedade pede para uma mulher não conceber, se no seu emprego pede atestado de laqueadura de trompas, o culpado pelo genocídio é a empresa. Não é da mulher, a culpa é da sociedade inteira!

E quem não tiver pecado que atire a primeira pedra.

NT – Quais os movimentos fortes de liberação da mulher no País, hoje?

RM – As mulheres dos partidos de esquerda se definem hoje como feministas. O feminismo nada mais é do que a organização do feminino. É um sindicato, nada mais. E como diziam que os sindicalistas comiam criancinhas, dizem que as feministas comem criancinhas. É porque elas querem acabar com o patriarcado.

NT – O capítulo final de seu novo livro é sobre o pós-patriarcado. A senhora fala de uma nova estrutura psíquica de homens e mulheres. O que está acontecendo?

RM – A estrutura psíquica do patriarcado é assim: o pai lá em cima, fazendo dinheiro, e a mãe embaixo, fazendo todo serviço de casa. O pai mandando, a mãe obedecendo. O pai batendo, a mãe apanhando.

Então, o menino se identifica com o opressor e a menina com a oprimida. Quando a mãe passa a trabalhar, não há mais essa estrutura. O pai ajuda a cuidar dos filhos, que não vêem mais a relação opressor-oprimida.

NT – Darcy Ribeiro dizia que no Brasil as mulheres eram as cabeças da família há muitas décadas. Como então o patriarcado está sobrevivendo?

RM – Já estamos no pós-patriarcado. Na minha conferência, vou falar dessa história. Ele começa só quando a tecnologia estava suficientemente desenvolvida para existir o trabalho do homem na rua e o da mulher em casa.

Isso foi há oito mil anos. Este livro é sobre isso também. A mulher fica dependente material e psicologicamente do homem. Agora acaba o patriarcado, porque para cada homem que trabalha existe uma mulher que trabalha.

O pós-patriarcado começou há uns 25 anos. Mas é preciso mudar o mundo para isso. É preciso mudar as leis, o Estado. Transformar o meio ambiente. Se a mulher não atuar, acaba a espécie, porque a mulher foi socializada no patriarcado para ser altruísta e o homem para ser egoísta.

Agora isso se rompe. Quando não existe dominador, nem dominada, os dois voltam a ser altruístas, como no mundo antigo. Daqui a uma geração, não tenho dúvida, teremos a metade do poder, já está muito avançado esse processo.

NT – Hoje a mulher tem o poder econômico e meios de concepção que poderiam assegurar acesso mais livre ao sexo. No entanto, isso não funciona. De que maneira o desejo pode ser assumido de forma mais igualitária?

RM – Isso ocorre nas sociedades mais fechadas. No Rio de Janeiro e em São Paulo, por exemplo, a mulher tem acesso livre ao sexo sim, nem precisava tanto. A mulher tem de trabalhar a autoestima.

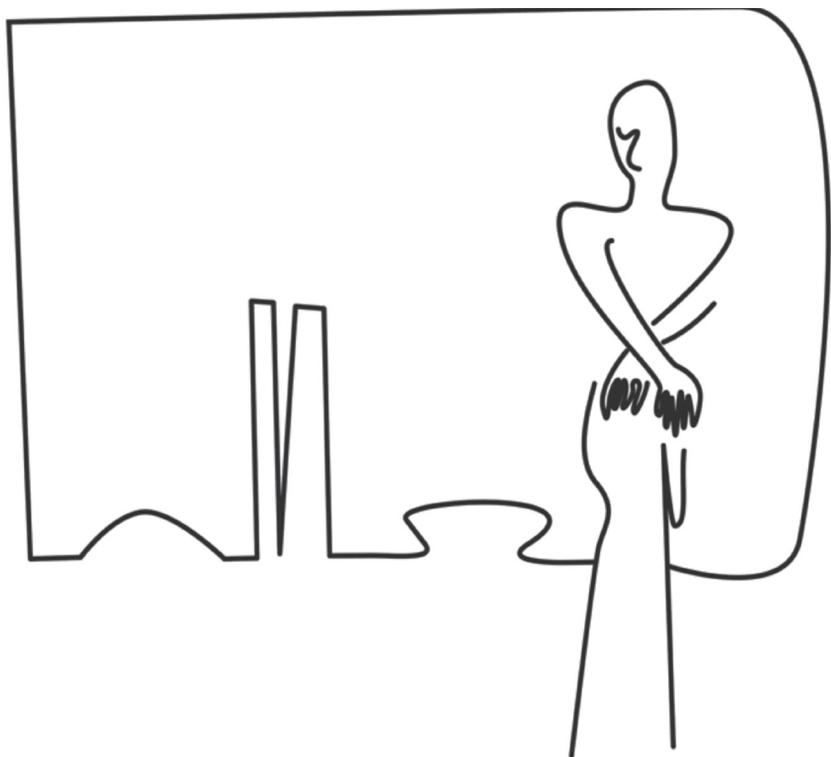
NT – Até que ponto o desejo sexual está vinculado à afetividade?

RM – Tudo é um problema de autoestima. Imagine se as norte-americanas têm problemas...

NT – Há uma forma de a mulher assumir sua sexualidade sem culpa?

RM – Tem de haver. Só com alta autoestima. Só constatando que a sexualidade não é pecado e que a culpa é uma fantasia infantil. A gente sabe isso desde Freud.

Nas religiões, a culpa se pagava com oferendas, depois com sacrifícios humanos. No cristianismo, só pode ser paga com o próprio sacrifício, depois da morte. A gente descobriu no século 19 que a culpa é infantil e, com o feminismo, que a culpa está com os sinais trocados.



“Se esta é a Casa do Povo... Por que eu estou fora?”

O Partido Matriarcal do Brasil

- o PMB de Gaiarsa

Chamar o psicoterapeuta José Ângelo Gaiarsa de polêmico é pouco. Revolucionário, inovador, iconoclasta, ele mexeu pra valer com as estruturas do sistema, com a família tradicional, segundo ele, a maior fonte de neuroses. Alguns achavam que era um louco. Talvez seja mesmo loucura ousar quebrar tabus e esculhambar com os valores considerados sagrados.

Gaiarsa, formado em Psiquiatria, introduziu as técnicas corporais em psicoterapia no Brasil e, por uma década, de 83 a 93, ousou analisar problemas emocionais de telespectadores, via Embratel, na rede Bandeirantes.

Nesta entrevista, em 1997, ele estava com 76 anos. Nela fala sobre a importância da mulher na sociedade. Algo maior e mais profundo do que possa imaginar a vã filosofia machista. Um papel para ser muito questionado e trabalhado. Tão sério a ponto de o terapeuta lançar o Partido das Mães, que tinha como meta salvar o mundo.

Não fica pedra sobre pedra na análise. E, no fundo de tanta ignorância, aparece o papel estabelecido para a mulher: transmissora de valores autoritários e hipócritas.

Assim vemos a mãe ter uma ação social e política da pior qualidade. Submeter, controlar, tirar o prazer da criança. Torná-la um ser covarde, incapaz para o amor. Porque, como Gaiarsa afirma, a maior qualidade humana, o amor, não acontece sem a coragem. E vice-versa.

Em 2010, aos 90 anos ele faleceu, deixando um legado de 30 livros, prêmios internacionais uma visão libertária da vida.

NT - Qual o paralelo que entre a família de ontem e a de hoje?

AG - Se você levar em conta que eu tenho 76 anos, eu nasci em 1920, até 1950, vou estabelecer estes números só para ter uma referência, não é nenhuma data histórica eterna, mas é a época em que a televisão co-

meçou a se expandir rapidamente. Até o tempo da televisão o mundo era um, depois ele é outro. E eu posso dizer isto por experiência própria.

Vou resumir como era a vida no interior de São Paulo. Próximo a capital e, no entanto, a nossa vida era incrivelmente provinciana e limitada.

Dando alguns exemplos espalhados: mulher fica em casa, mulher que sai muito não presta, mulher que é realmente honesta não fica nem muito na janela. As duas ou três mulheres separadas que havia em Santo André eram tidas como prostitutas. Quer dizer, se não tem marido dá pra todo mundo. As conversas das pessoas eram fofocas locais e mais nada.

Mulher tinha que de ficar em casa, e também era famosa a frase “mulher tem que estudar pra quê?”. Mulher tem que ser dona de casa e mãe de família. Isto é, a mãe era obrigatoriamente uma ignorante e a ela se confiava a educação das crianças.

Música no meu tempo: sanfona e violão numa ou noutra festinha de aniversário. A gente via a banda passar em todos os feriados nacionais, quatro ou cinco vezes por ano. E não havia mais música.

NT - O que mudou então na família com o passar do tempo?

AG - Você confrontando isto com hoje é uma diferença absolutamente astronômica. Qualquer lugar que você vá tem música, até aborrecendo demais. Dá para ir percebendo os contrastes? Família era aquilo mesmo. Casou é para a vida inteira. Nem passa pela cabeça outro casamento. Os homens tinham a licença de frequentar prostíbulos. Os que tinham mais posses a gente sabia que tinham uma amante. E isto era falado à boca pequena. Mulher infiel, Deus me livre.

Olha, o vizinho ao meu lado, matou a mulher à machadada por infidelidade conjugal. Eu devia ter uns nove ou dez anos. A noção comum de honra era essa mesma. O marido de mulher infiel tem obrigação de matá-la. Isto era a regra. Filho era filho. Criança era criança. Pai e mãe faziam o que queriam. Eram mais comuns do que hoje pais severíssimos, brutalíssimos, idiotas que não sabiam nada. Mas como pai é pai, manifestavam todos os abusos contra os filhos.

E não tinha conversa, nem apelação. Pai era pai e acabou-se. Veja bem. Tudo isto por volta de 1930. Portanto no primeiro terço do século 20.

NT - E como está configurada a família hoje?

AG - Uma coisa é evidente: o mundo sofre uma enorme diversificação de atividades, prazeres e ameaças. E isto está destruindo a família tradicional que tinha muita força porque não tinha nada mais interessante em volta. Não tinha muita diversão. Em 1930, eu vi os originais do Pato Donald, Carlitos e o Mickey. O cinema estava nascendo e era grande diversão. Quando você ia era uma festa. Eu quero sublinhar muito os números. Isto foi entre 1930 e 1935.

Porque quando a gente fala da família do século 20 pensam que é a de séculos passados. E não é. É do começo do século 20. Basicamente as mudanças na mídia... Mas o povo simplório nunca leu muito jornal e revista era caro para a maioria. Ao passo que a televisão, qualquer favela é uma floresta de antenas de televisão.

Mesmo os mais miseráveis, a primeira coisa que eles compram é uma televisão. Então, começou a se exercer sobre o mundo todo uma enorme influência do que era, afinal, o cinema em casa. A diversão em casa. Isto primeiro abriu a cabeça das pessoas.

A tecnologia passou a oferecer opções variadas de divertimento. Uma criança de dois ou três anos no meu mundo não tinha creche. Não tinha escola maternal, não tinha nada. Até seis, sete anos ficava em casa e acabou-se. Agora com um ano, às vezes antes, você vai para creche, com três, você vai para escola maternal. Você sai de casa. Sai da família, este é o ponto importante.

A gente começa a sair da família muito mais cedo. E ela perdeu enormemente sua força. Tanto de agregação, quanto de autoridade. As crianças pequenas experimentam mais prazeres ao gosto deles e não por influência dos pais. Na verdade começam, desde muito cedo a ter amigos e ter uma independência.

NT – E como o senhor avalia isso?

AG – É positivo. Extremamente positivo.

NT – Em um dos seus livros o senhor fala que a boa família é aquela que fica pouco tempo junta. E a boa mãe é que “começa a morrer” logo depois do parto...

AG – Esta frase não é minha, mas eu adoto. A nossa noção de mãe ainda não mudou o suficiente para acompanhar os fatos. Este dado é muito importante sobre a família de hoje. A maioria das mães ainda hoje acha que vive para os filhos. E fim, e mais nada.

Na verdade, abusam dos filhos, exercem uma autoridade. A mãe é a rainha do lar e ela é mesmo. Agora fora do lar os homens dizem que a mulher não deve dar palpites. Os homens encurralaram a mulher no lar. Lá ela faz o que quiser, e faz mesmo. Fora do lar ela não abre o bico.

Não existe hoje no mundo nenhuma democracia. Só existem tiranias masculinas. Porque em nenhum país dito democrático o número de mulheres políticas é igual ao número de homens. Então, não há democracia no mundo e continua a haver tirania masculina.

São os homens que resolvem tudo no mundo, mesmo depois de se ter provado por A mais B que eles são absolutamente incapazes. Porque o mundo está se enterrando num negócio infernal de guerra, miséria e porcaria que não acaba mais. Tudo governado pelos homens.

NT – Felicidade familiar é possível?

AG- Não vamos eternizar as coisas. Não estou dizendo que família é uma desgraça por dia, 24 horas, 40 anos. Não existe isto, assim como não existe um amor eterno. As coisas vão mudando.

Quando é que as pessoas vão aceitar isso? Hoje os jornais, rádios e televisão já deixaram todo mundo cheio de saber que tudo está mudando. A matéria. A vida. O universo é um processo contínuo, não é uma soma de coisas, ele está acontecendo. Mas na nossa cabeça ainda está incrustada a noção falsa da família eterna. E do amor eterno.

NT – Na raiz das neuroses está a supermãe?

AG – Sem a menor sombra de dúvida e olha que isto está longe de ser a minha opinião. Todas as escolas de psicoterapia dizem: a neurose começa antes dos cinco anos, quase sempre no lar, quase sempre por influência materna. E não é que mãe não presta.

É que a função da mãe é ser o DNA da tradição social. A função da mãe que nós chamamos de educativa consiste em injetar na cabeça da criança todo o lixo que nós temos.

NT – E é valorizado esse papel...

AG – Extraordinariamente. Você não imagina quanto nem por quê. Mesmo as mães que trabalham fora, vêem televisão, se informam, continuam fazendo com os filhos o que as mães fizeram com elas. A mesma disciplina, o mesmo cuidado. “olha lá no namoro, cuidado o que é que você faz. Não pode”...

E fica outra coisa, imbecil.

O mundo está saturado de sexo. Qualquer anúncio de televisão tem menina pelada, qualquer novela traz cenas de sexo, qualquer estande de jornais traz dezenas de meninas e homens nus, sacanagens...

Estamos cercados de sexo por todos os lados e ainda hoje – eu faço questão que você coloque esta frase literal: ainda hoje mãe não tem xoxota. Agora estamos modernos sexualmente. Mas mãe não tem sexo. Aliás, em família não tem essas duas coisas horríveis. Que na verdade são o começo da família. Cada absurdo em cima do outro.

NT – O que o senhor acha da erotização dos programas infantis de televisão brasileira?

AG – A natureza está começando a se opor contra todos os nossos preconceitos sociais. Vou dar outro exemplo mais claro.

“Que horror meninas de 13, 14 anos estão tendo nenê.” Horror coisa nenhuma. Uma menina que menstruou durante um ano é uma fêmea madura. Se a gente vivesse no mato, uma menina ou quem nós chamamos de uma menina, é uma mulher feita. A indiazinha de 13 anos já tem um nenê no colo. E o indiozinho, de 14, já é considerado adulto.

É mentira que estamos regredindo. Nós estamos caminhando na direção da natureza, mesmo sem querer. O erotismo infantil é a mesma coisa. É o problema mais crítico, mais idiota, mais ocioso que se inventou. Em cima de algumas seduzções de crianças e coisas realmente feias. Quer dizer, criança não seduzida, mas obrigada por ameaça...

Isto é um horror, eu concordo. Mas na verdade criança nasce com pinto e mexe muito nele. E criança quer saber como é que encosta, como é que pega, porque é gostoso. E é bom agradar o corpo inteiro.

NT – Na sua opinião, é positiva essa erotização?

AG – Extremamente positiva. Porque a ausência dela gera a anestesia do adulto. A maioria das pessoas não tem consciência de corpo. Porque desde pequeno você não pode mexer nele. E ser for agradável muito pior.

Você aprende desde pequeno que quando o corpo dói leva para o médico. Quando é gostoso, disfarce porque senão alguém vai te pegar. Perdemos toda nossa capacidade de sentir prazer e alegria corporal, de contato, de erótico e tudo mais.

Quando eu falo da erotização de crianças estou excluindo casos policiais. Marque isto bem. Porque senão eu entro bem.

Tem um livro maravilhoso sobre o assunto, o melhor que eu já li, metade da edição foi jogada fora porque ninguém comprou. Chama-se *Sexualidade Infantil*, de vários autores. São textos de um equilíbrio fantástico. Eles reconhecem quanto a criança tem o direito de ser erótica.

Criança é pele, é sensação. E como é que você não vai alimentar isso? Você vai isolando a criança, daí a pouco ela está como todos nós, no meio de um milhão de gente, se sentindo sozinha.

Incapaz de estabelecer contatos. Incapaz de expressar sentimentos de uma forma boa, convincente, bonita. Por quê? Porque desde pequena não pode. E se as pessoas comessem a se solidarizar harmoniosamente era capaz de ter uma revolução.

Então, é bom que estejam todos anestesiados. Que não se juntem de uma forma muito profunda, muito afetiva. Só superficialmente. Só ligações sociais superficiais. Assim, como sempre, a autoridade permanece onde está. E ninguém se junta para fazer nada.

NT – E quanto à bissexualidade?

AG – A verdade é que o homem pode sentir tanto prazer na pele em carícias quanto a mulher. A diferença não é fisiológica, é primeiro histórica. Durante um milhão de anos nós fomos caçadores errantes.

NT - É normal a procura do prazer com os dois sexos?

AG – Eu diria que mais completo do que com um só. Porque gente é gostosa. Mas é isto que não se pode descobrir. Porque quando desco-

brirmos isso nós vamos nos reunir e fazer barulho. Então, precisa que o contato entre as pessoas seja precário, seja frio, seja momentâneo, seja passageiro. E ninguém se compromete.

É a expressão clássica das mulheres, né? Os homens não querem se comprometer. Na verdade, as pessoas não querem sentir contato de pele, que aproxima e reúne. É muito perigoso.

Tem um exemplo que ilustra isto maravilhosamente. O patrão e a secretária. Poderia ser o médico e a enfermeira. O professor e a aluna. Todas aquelas figuras famosas.

Quando o patrão e a secretária se encontram na quinta-feira, às quatro horas, para uma transa no motel, todo mundo sabe. Ninguém se incomoda. Mas se ele começa a desenvolver com ela laços afetivos, aí a empresa estremece, a mulher dele cria um caso porque não pode, você não pode ter bons amores. Só pode ter amor de lixo. Escondido e negado.

Porque se você afirma amores, você fica muito visado e condenado. E pior: na hora que o patrão e a secretária começam a se envolver afetivamente, marque bem isso, não existe mais patrão, nem secretária. A pirâmide de poder foi desfeita.

É por isso que o amor é o sentimento mais perseguido em nosso mundo. Apesar de toda boca cheia ao contrário, apesar de falarem como papagaio que é lindo, há perseguição porque o amor poderia dissolver esta sociedade de poder.

NT – Como o contato físico, as carícias e o amor podem provocar mudanças pessoais e sociais?

AG – Se você tem carícias suficientes todo dia você esquece do médico. Você não fica doente. Há prova com experiências com animais. Dois grupos de ratos, por exemplo.

Com um você brinca muito e com outro você só dá comida. Se você depois fizer uma cirurgia meio cruel e tirar a glândula tireóide de todos (é um exemplo dentro de um milhão), eles, os que não foram acariciados, duram de um a dois dias e os que foram duram um mês.

Estão começando a brotar como cogumelos livros mostrando “encoste, tenha prazer, prazer é saúde, é alegria, amor é saúde, comece a amar”. Todos eles estão começando a surgir e cantando isto cada vez mais alto.

Mas enquanto houver esta família monogâmica, compulsiva, o amor continua proibido e a autoridade continua garantida. Não pode libertar o amor.

NT – Uma vez o senhor disse que a infidelidade só existe para o brucutu e que, na maioria dos casos, amantes são soluções melhores do que a rotina massacrante de casamentos neuróticos. Como é que fica toda essa concepção machista do brasileiro? Que resistências o senhor encontra?

AG – Todas as possíveis. A primeira delas é a fofoca. Eu sou um camarada tremendamente malfalado por um pequeno grupo. Antigamente, era grande. Agora, eu estou virando rebelde oficial. E mesmo quem fala mal, às vezes, olha em volta para ver se tem alguém que me defende.

NT – Há quantos anos o senhor faz terapia via Embratel?

AG – Desde que eu me formei, eu aparecia na televisão e fazia conferências. Há cinco anos, tenho o programa fixo na televisão. Mas antes apareci centenas de vezes, tentando falar dessas coisas e aprendendo como elas são. Porque eu não nasci sabendo e também não nasci bonitinho não. Eu me ferrei até os colarinhos, com todo o perdão da palavra, com toda essa merda cultural tida como o máximo da civilização.

NT – Que tipo de resistência o senhor encontra?

AG – Vou dar um pequeno exemplo. Vou num grupo de palestras para executivos onde se conta uma porção de lorotas, aí eu mostro um pouquinho o que é família e o quanto a família se projeta no trabalho atrapalhando tudo. Não me chamam a segunda vez. Na hora dizem “maravilhoso”, mas não me chamam mais. Não se pode tocar na família. Sexo ainda pode, não escandaliza mais.

NT – E quando fala em poligamia, amor livre, como é?

AG – Os homens ficam muito ressentidos e as mulheres vêm com aquela choradeira. Ah, com o homem é diferente, porque para ele se permite, para nós é difícil.

É verdade, quem vai negar isso? Mas também é verdade, uma outra coisa... Pode escrever aí, que acabem me linchando! É muito fácil enganar um homem porque ele não percebe quase nada, entendeu?

Não venha com essa desculpa de que é mulher. Na verdade, você é inábil. Não é por ser mulher. Como pessoa você é incompetente para conseguir o que é importante para você.

NT – É possível conciliar o amor e o tesão com a rotina do casamento?

AG – Este é o meu sonho. O meu ideal e a minha mensagem. Eu poderia dizer que por um lado estou desanimado, porque isto não acontece. Mas por outro, isto está começando a acontecer porque os laços familiares estão cada vez mais frouxos.

Sempre que se fala nessas coisas dizem: “mas os homens estão casando mais”. É, mas estão separando cada vez mais cedo. Um terço dos adultos norte-americanos (onde as estatísticas são um pouco melhores) estão vivendo sozinhos.

No Reino Unido, uma estatística espantosa, o número de famílias clássicas com o pai que trabalha fora e a mãe que fica em casa, com dois ou três filhos não chega a 10%. A homossexualidade está muito mais falada, as ligações fortuitas acontecem a toda hora. Todo mundo viaja muito. Agora com a Internet começam os romances transcontinentais.

NT – O senhor trabalha com comunicação de massa. Pensa em desenvolver seu trabalho na Internet?

AG – Nós já estamos. A Associação Nova Mãe Novo Mundo, que é o começo do Partido das Mães, está na Internet. Eu não vou fazer nenhum partido político, não tenho a menor competência, mas estou promovendo a questão.

Voltando ao argumento anterior, até pouco tempo psiquiatras, e principalmente psicólogos, quando tratavam de criança a culpa era sempre da mãe.

Mas o modelo de mãe é que é ruim, não é D. Maria, D. Joaquina ou D. Antônia que são psicopatas. Elas são mães que tentam ser mães como acham que todo mundo devia ser. Então, é a má educação - e o proble-

ma da criança não é fruto da mãe - é fruto dos nossos costumes, dos quais a mãe é o representante dentro do lar.

O modelo de mãe é péssimo e é feito para sustentar sempre, sempre, sempre o autoritarismo.

NT - O Partido das Mães então se propõe a mudar este modelo?

AG - Exato e a primeira esperança do Partido é começar a fazer uma escola de família.

NT - Como surgiu a idéia de criar este partido?

AG - Eu lancei a idéia pela primeira vez no comecinho de 1996. Nós fomos aprendendo e agora estamos rodando em boa velocidade. Temos recebido de 30 a 50 cartas por semana.

Já respondemos a mais de 1.500 pessoas e estamos equipados para responder três mil cartas por mês. A Associação Nova Mãe Novo Mundo está funcionando, instituída com todos os documentos em ordem. Existe e funciona.

NT - Por que criar um Partido das Mães?

AG - Elas sempre foram o maior partido conservador do mundo, em qualquer lugar, em qualquer época. Primeiro, pelo número, segundo, porque são elas que deformam a criança com o nome de educação.

Terceiro, porque elas têm não só... Veja eu gosto da frase... Ninguém exerce tanta influência sobre tão poucas pessoas durante tanto tempo, quanto as mães.

Você não vai esquecer nunca de sua mãe. Ela está na sua medula, no centro do seu cérebro. As mães têm esta influência no período mais crítico da formação da personalidade, que é até os cinco anos de idade.

Só esta frase merecia um tratado. Porque eu posso demonstrar isto de uma forma espantosa: o seu destino é resolvido antes dos cinco anos. E até esta idade quem determina o seu destino é a sua mãe.

NT - É ela quem faz a programação?

AG - Ela é programada para programar você. Ela é uma transmissora de valores sociais altamente discutíveis. E, ao meu ver, nojentos.

Vou dar dois dados, no chute: hoje, têm mais de 50% morticínios em curso e nem sempre é guerra. Pode ser revolução, encrenca racial, encrenca de fronteira e, no último meio século, ocorreram 75 guerras.

E o número de guerras é de milhares, desde que começou esta maldita civilização. O pior de tudo, desde que começou esta civilização, 20% da humanidade era gente, 80% não era. Hoje, continua igualzinha. Então, governo dos homens, política e mundo novo são frases sem sentido.

NT - Como assim, 80% da humanidade não era gente?

AG - Dois terços do mundo são de miseráveis, não chega a ser gente, está morrendo de fome. Enquanto um terço restante é de obesos e de podres de rico. E a gente não sabe pra quê.

E isto não é a história de hoje, nem a história do Brasil, é a história da civilização. Imagina o nome, que ironia.

Guerra sem fim, opressão sem fim. São esses os valores que se espera que a mãe transmita para os filhos. É realmente um lixo.

Para não ficar só comigo, vamos lembrar o querido Jesus Cristo. Pode? O que é que ele disse? Se não nos fizermos crianças outra vez não entraremos no reino de Deus. Ele queria dizer com isto que tudo da cabeça de adulto é lixo e que você tem que se livrar disso.

E quem colocou tudo isso na sua cabeça foi a sua mãe.

NT - Como o Partido das Mães vai ajudar a transformar essa programação da mulher, da mãe?

AG - Presentemente, temos três objetivos bem definidos. O primeiro é uma escola de família.

NT - Via Internet?

São sonhos que estão se desenvolvendo pouco a pouco. Viver com adulto do sexo oposto, 20, 30 anos e educar dois, três filhos são as tarefas mais difíceis da vida.

No entanto, nenhum país do mundo exige a menor qualificação para você fazer isto. O que quer dizer que estamos dando poder a quem não sabe usar. Pai e mãe têm um poder de ditadores e nenhuma capacitação para exercer este poder.

Estranho, não? Tudo feito para sustentar o autoritarismo.

NT - E desumanizar...

AG - Exatamente. Desumanizar desde cedo. Educar consiste em dizer não. Em podar 90% das iniciativas infantis. Em tornar a criança um autômato. Porque aí ele pode ser posto na escola. Que é outro horror.

E na linha de montagem que é uma catástrofe. Mas um animal saudável jamais se conseguiria segurá-lo em uma linha de montagem, fazendo oito horas por dia o mesmo movimento. O nosso trabalho ainda é escravagista.

NT - A submissão começa com a restrição à criatividade?

AG - Completamente. Dizendo não, não, não, não. O segundo ideal do partido é fazer uma campanha implacável contra a nossa maneira de nascer nas maternidades. Os médicos transformaram a gravidez e o parto numa doença.

Estão vivendo ricamente com isso e sem a menor consideração nem pela mãe, nem pela criança. Este assunto eu conheço a fundo. Que monstruoso que é o nascimento na maternidade, à luz da biologia. Um absurdo. Para começar colocam a mulher numa posição da qual foi proibida desde que nasceu. Deitada de perna aberta, mostrando a xoxota.

E isto não é violência médica, é o que eles acham que precisa ser feito. Tem uma história: um dos Luíses da França - não me lembro qual - queria ver como é que nascia uma criança. E para ver bem a rainha foi posta assim. E aí virou moda entre os nobres e agora os obstetras acham que é muito bom também.

Eu não sei por quê, porque não há nenhuma vantagem nesta posição. De cócoras é melhor e há mil outras. De quatro, na água. Graças a Deus tem mais gente pensando nessas coisas. Se você comparar o que se faz na maternidade com o que acontece com todos os bichos, todos prima-

tas, a primeira coisa que o filhote faz é grudar na mãe. E fica grudado um ano.

Na maternidade, acabou de nascer, separa. Você não imagina o estrago que isto faz sobre a pessoa. Com gente não se pode provar isto com toda clareza, mas com animais, sim. Se você tirar os gatinhos quando nascerem por algumas horas, quando devolver, a mãe não aceitará.

Aliás, eu acho que num mundo melhor nem o parteiro, nem o pediatra poderiam ser homens. Teriam que ser mulheres, porque homem nenhum vai entender a maternidade, nem a criança. Então, é outro dos absurdos do nosso mundo e o pior é que as mulheres vão atrás.

NT - Seria por ignorância?

AG - Ignorância e apoio ao inimigo. E mais. Tem a história da cesárea, que o Brasil é o campeão do mundo. A moça não quer sentir nada e começa aí a distância entre mãe e filho.

Tem relatos, na Cartilha das Mães, de partos africanos, que você fica babando de inveja. Você não imagina o quanto é bom para as crianças recém-nascidas que estão nas costas das mães muitos interessadas.

Dormem pouco, não choram quase nada, riem muito. Com dias de idade ficam penduradas e é assim que deve ser. Porque o homem não nasce formado, nasce embrião. Nós somos parecidos com o canguru.

NT - O senhor está mexendo com valores muito arraigados. Qual o preço?

AG - Eu diria que vou à raiz da podridão, mas estes valores não estão mais tão arraigados assim. Se eu tivesse essas ideias cem anos atrás, em primeiro lugar eu não teria nem coragem de pensar.

Segundo, eu não teria coragem de falar e, se falasse, provavelmente eu seria linchado. Mas hoje é justamente o contrário. Falo sobre estas coisas duas horas e ninguém pisca. Estou trazendo a mensagem que interessa às pessoas.

NT - No futuro, a ideia de família não vai continuar? Não existirá mais a família? O ser humano será mais solitário?

AG - A ideia já mudou.

Mas não é bem assim, enquanto houver criança humana, pequena, que é muito desamparada, alguém vai ter que cuidar. Neste ponto a família é indispensável. Até aí é inegável.

Agora, que o melhor jeito seja a família monogâmica e eterna é outra história, completamente diferente.

NT - Qual é a sua corrente terapêutica?

AG - Tenho três influências predominantes, ao lado de muitas outras, é claro. A primeira foi do mestre Carl Gustav Jung, o suíço dos arquétipos, do inconsciente coletivo. Eu diria que a minha formação mais fina vem dele. Depois como terapeuta eu usei, abusei, ampliei e sofri profundamente a teoria do Reich, da psicanálise do corpo.

NT - Por que o senhor sofreu?

AG - Porque ele ficava muito de olho nas coisas negativas e eu peguei a mesma pista. Agora, eu tenho a terça parte que é minha. Adoro fisiologia, adoro psicofisiologia. Como é que o corpo é sentido, não como ele é estudado pelos fisiologistas. E me especializei, tenho estudos muito profundos sobre a influência do olhar na comunicação humana. Sobre o aparelho locomotor. Eu demonstro que somos criação contínua, que é o que dizem todos os iluminados.

O olhar, a motricidade e a respiração são a minha paixão de vida. Tenho quatro livros a respeito.

NT - O que acha dos tratamentos alternativos?

AG - O gravíssimo inconveniente é a picaretagem. Como são técnicas mais ou menos simples, e até divertidas, você faz duas, três vezes e acha que pode saber ensinar também.

A desgraça dos alternativos é a improvisação, a superficialidade, a picaretagem e a exploração.

Mas as técnicas alternativas conhecidas mais de perto, bem trabalhadas, a meu ver são muito superiores às técnicas acadêmicas. Melhor dizer assim: as técnicas corporais são muito mais atuantes do que as verbais.

NT – Qual é a maior qualidade do ser humano?

AG - Eu hesito entre a coragem e o amor. Porque sem amor não há coragem. A maior desgraça é o medo.

NT – A que se propõe no curso Respiração, Angústia e Renascimento?

AG – Quando você inibe a respiração é como se reduzisse o carburador ao mínimo. Você está usando o motor na força mínima que ele tem. Ao passo que se as pessoas tivessem uma respiração mais ampla que o padrão, elas seriam muito mais vivas.

A essência da historia é essa. Sem oxigênio não acontece nada no corpo. Restringir oxigênio parece esquisito, mas a repressão social conseguiu isto, mesmo sem saber.

Não estou dizendo que o poderoso conhecia fisiologia respiratória ou nervosa. Com esse não, não, não, ameaça, ameaça, ameaça, todo mundo quase vive sufocado.

NT – Gostaria que o falasse sobre o papel da igreja.

AG – Não sei dizer se a igreja é a grande repressora, ou se o grande poderoso se aliou a ela para dominar, não só o corpo, mas também o espírito. Os reis e sacerdotes sempre foram carne e unha. É bom não esquecer a função de poder da religião.

Não tem nada a ver com o lado místico. Todo mundo está cheio de saber que o Vaticano é tão dinheirista como qualquer outra instituição. Que tem fortunas gigantescas etc, etc, etc. De espiritual nada. São altamente interessados em castrar, para todo mundo ficar bonzinho, obediente, assustado.

A Igreja é aliada do poder, nem mais nem menos. Enquanto, digamos assim, o poder quer dominar por fora, a Igreja quer dominar por dentro. É muito sutil. Vou resumir.

Toda a infinita crueldade e maldade, sacanagem e exploração dos colonizadores das Américas tinham um pretexto bonito. Ensinar o amor de Cristo para aqueles que estavam sendo explorados de uma forma brutal, indecente, absurda. Tudo em nome de Deus. Sem contar que todas as guerras do mundo são feitas em nome de Deus. E dos dois lados, isto é que é engraçado.

NT - A esperança do mundo é o matriarcado?

AG - Quase. Ou pelo menos uma nova mãe, que ajude na formação de seres humanos com outros parâmetros. Até hoje vivemos ao contrário, vivemos avançando para o futuro de costas. Sempre adorando o velho, que já está morrendo.

Está na hora de se voltar para a criança, como esperança de mudança. O adulto não muda mais. Mas com boa vontade, e muita compreensão, talvez alguns adultos ajudem a formar crianças que não sejam outros pasmados como nós. E esta é a minha mais rara esperança na vida. Aliás, este é o terceiro objetivo do Partido das Mães.

O Neto da Sogra, Filho da Nora

Era uma vez uma sogra gostosa e uma nora dragão.

Quando o bebê nasceu surgiu a guerra. Quem era ele, eis a questão. Neto da sogra ou filho da nora? O embate foi tamanho que o prefeito, o rei, deu um tempo na roubalheira e resolveu fazer uma enquete.

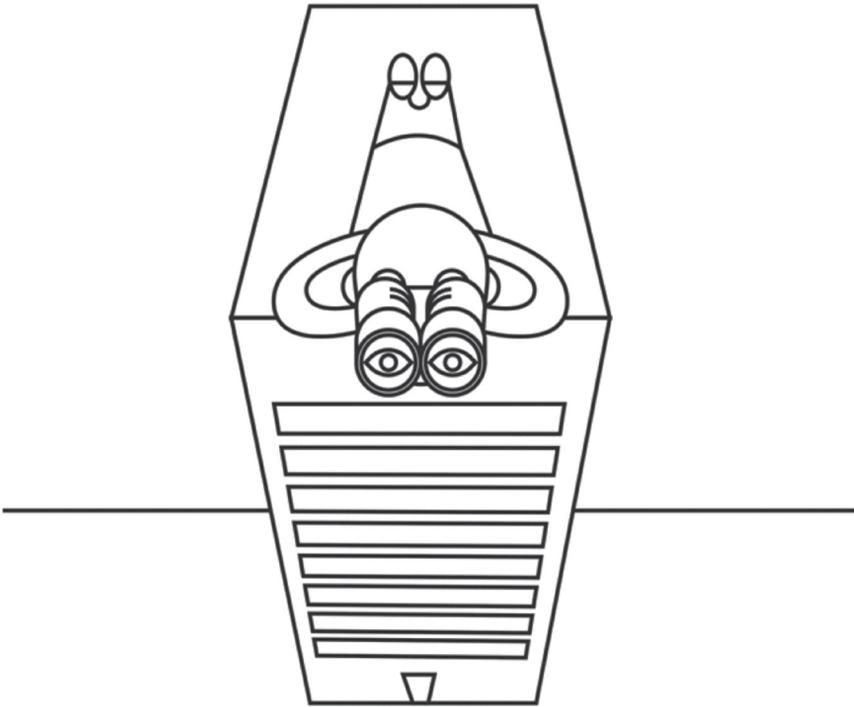
A cidadezinha ficou em polvorosa. A campanha levou moradores dos condomínios e das favelas a debaterem sobre a gostosura daquela jovem, bela, livre e rica sogra. Do outro lado do ringue, a endiabrada, complexada e neurótica nora.

Ao final do plebiscito, um susto. Como assim? Mas a língua da sogra não era mais do que deliciosa? Mesmo assim, deu empate. Havia muita mulher se sentindo diminuída.

O voto de minerva seria dele, ele decidiria tudo. Quem? Estava nas mãos do jovem esperto, o marido e filho. O que fazer?

Como enfrentar aquelas mulheres que tão bravamente disputavam o título, o troféu do ano? Continuar contornando?

Temendo a terceira guerra mundial, o papai do neto pegou a mochila e partiu para lugar ignorado.



Procura-se um ministro trabalhando...

A Festa no Palácio do Governador

Festa comum, mensal. Uma multidão de conhecidos, os mesmos de sempre, muitos puxa-sacos, primeiro, segundo até o décimo escallão reunidos, empresários rurais, acadêmicos, professores das universidades decadentes, alguns artistas e jornalistas de merda. Decoração de plantas falsas, cristais de vidro, na moda do momento.

A moça conseguiu sentar próximo à piscina. Hoje, Renata Luísa Sautex está com sorte. A mesma que trouxe logo um garçom, bebidinhas e certo conforto emocional. Quem sabe algo aconteça. Alguém repare no vestido vermelho. Ele venha e perceba algo de belo nela, nem que sejam os sapatos.

Ele já chegou e se perdeu na avalanche humana. Bem vestido, perfumado, engravatado, mais um no rebanho sem rosto, máscara compacta, pó de mármore, mortiço, inexpressivo.

Renata está alta, no grau onde a inspiração ainda ousa chegar. Ainda se motiva a levantar, ir ao toalete, se olhar no espelho. Não olha muito porque começa a se sentir um verme, novamente esta sensação.

Talvez seja efeito do décimo escallão, típico de secretariazinha do secretário assessor de alguém. Ou a mania de regime, talvez o medo se transformar em uma mulher-baleia, como aquelas gordas com tanto botox nos lábios, horripilantes personagens saídas da tela de Fellini, ou quem sabe, grotescas, de Almodovar. Ou pior ainda, como as madames plastificadas, esposas e amantes dos políticos.

Atravessa corredores, tapetes. Atravessa o salão na hora que o governador e seu séquito embriagados estacionam suas carcaças para cumprimentar os patrocinadores da eleição. Empresários do agronegócio, modernos. Fazendeiros no velho estilo, superados, múmias, mas ainda poderosos. Donos do dinheiro, das vacas, da boiada.

Todos parados no tempo, no centro do mundo. Mundinho. Mundico. São o eixo do glamour daquela noite. Estátuas, posam para fotografia. Já discursaram o tradicional besteiro de sempre e amanhã,

nas colunas sociais, serão bajulados, incensados, adulados, como há séculos o são.

O reino está ali concentrado. Renata, a bela com seu champanhe e tédio, lembra da grande bosta que é o poder, o sucesso, a droga do status transformando carecas horrorosos, nojentos, enriquecidos pela corrupção em carcomidos belos partidos para as piranhas de plantão.

Por todo lado, quilos de silicone, peitos e bundas gigantes, sorrisos falsos, ordens superiores para foderem com a vida sensível, espontânea e tudo que não tremer de pânico, que não estiver de quatro para os donos da festa.

Renata sorri ao assistir aos arremedos de dança, ao perceber que ele, o Cara, a evitou. Depois ri alto, de si, de seu vestido da liquidação, do penteado idiota que desmancha, dos sapatos que tirou antes de se jogar nas águas refrescantes, puras, espelho das estrelas, e ser a estrela, a mais louca sereia da recepção em palácio.

Os artistas gostam da performance. Queriam ter aquele momento de glória. Mas não podem arriscar perder o patrocínio do governo. A imprensa anota uma frasezinha bem humorada no Twitter. Flashes espocam. Alguns reis perguntam quem é aquela deusa de vestido vermelho que sai das águas.

Não há tempo para a resposta, o jantar foi servido. O importante é comer. Mais bebida, mais bandejas circulam. Garçons são o centro das atenções, dançarinos equilibrando a fome e a sede de poder fogem das mãos e das bocas aflitas. O som sertanejo invade a noite.

Discretamente, Renata foi expulsa. Sentada na pracinha em frente, dá uma banana para o palácio e, ainda entregue ao fogo, se sente a tal.

Ensaio sobre o Jornalismo do Futuro: o Webjornalismo

“A grande finalidade moral e social do jornalista vai além da finalidade puramente informativa. O jornalista medíocre informa por informar; o autêntico jornalista informa para formar”.

(Alceu Amoroso Lima)

Hoje, a tecnologia da Internet é a ferramenta básica para o jornalista. Qual fundamento estrutura a profissão, em que consiste a contribuição do jornalismo e em que nível a consciência nesta atividade é relevante para que reverbere no país, e na civilização contemporânea, são as questões que motivaram este ensaio.

A Web alterou não só a interação com o público. Modificou a atuação do jornalista em empresas privadas (e públicas), a relação com o mundo e, a formação do profissional de comunicação.

A imprensa, em qualquer meio que se expresse, agora potencializada pelas inovadoras ferramentas da Internet, é vital na configuração global do poder político e econômico. E incomoda.

O governo do Brasil, por exemplo, tenta depreciá-la, e em 2008, em pleno mandato do Partido dos Trabalhadores, a desregulamentou como profissão. Porém, em vez de extinção, ocorreu o contrário. A formação do jornalista se tornou a maior exigência e necessidade do mercado.

A era digital na pós-modernidade é enfocada, na pesquisa, a partir de diversos autores. Um breve histórico sintetiza os fundamentos da filosofia da comunicação, abrangendo temas como ética, transparência, linguagem, dignidade humana, globalização.

Há referenciais para o papel do jornalista nos novos rumos da comunicação. As fontes foram o estudo de obras, a observação das mídias tradicionais e alternativas, o acompanhamento na Net e a vivência como profissional do jornalismo, nas redações de jornais, assessorias de comunicação, atuações no governo municipal e federal, empresas privadas, consultorias e editando blogs e sites de webjornalismo.

Qual é a pauta?

A comunicação contemporânea passa por profundas mudanças graças ao acesso à tecnologia da Internet que transforma os jornalistas em webjornalistas, comunicadores que interagem com o público, com mais autonomia, rapidez e liberdade de ação.

A essência e as perspectivas desta atividade profissional, inclusive nas gestões públicas são assuntos de pesquisadores, filósofos, poetas,

sociólogos e jornalistas de várias gerações e épocas.

Para dimensionar a amplitude do processo que envolve a atividade do webjornalismo é fundamental dimensionar as observações de vários autores multidisciplinares. O ponto de partida é o significado da democracia na sociedade em rede que, apesar dos novos paradigmas, se estrutura sobre fundamentos perenes.

Os parâmetros da pós-modernidade, da era digital, determinados pelas novas mídias exigem uma retomada às referências humanistas. A história revela o arcabouço desta atividade essencial às civilizações quanto a educação e também aponta quais são as bases, a filosofia da comunicação.

Na Internet, há mais informação circulando e mais necessidade do jornalista, de sua ação criativa e ética na divulgação de fatos e na difusão de ideias. A mídia não é apenas instrumento de propaganda de governos.

Um exemplo da importante função da comunicação é a transparência, imprescindível fator essencial, nas políticas promovidas pelos gestores públicos. O jornalismo tem a missão de proporcionar cidadania e dignidade humana, em qualquer veículo no qual se expresse.

As inovações tecnológicas da web possibilitam aos grupos humanos a interação do conhecimento e do imaginário, além do surgimento de uma democracia em tempo real, da estética da invenção e do aprimoramento das qualidades humanas.

Influência que interfere em vários aspectos da sociedade a ponto de gerar a cibercultura. Neste cenário, se configura a consciência e a atuação do webjornalista. Surgem ponderações sobre a relação da mídia com a dissolução mais profunda da cultura e reflexões sobre a decadência da civilização.

A evolução da comunicação é um processo mundial, promovendo ao mesmo tempo massificação e consciência global. Os veículos, as mídias não são extintas, elas foram transformadas ao longo da história da humanidade.

Em foco, o papel do jornalista na Internet, a quem cumpre realizar a tarefa de informar e agir como suporte da ação educativa, sempre dimensionando a responsabilidade da difusão de informações que esti-

mulem o debate crítico e decisões adequadas.

Há necessidade premente de atualização e, ao mesmo tempo, de fortalecimento da consciência, da busca pelo autodesenvolvimento para estar à altura da incumbência.

Democracia e Sociedade em Rede

“A desejada democratização dos meios de comunicação só será plenamente possível no quadro da democratização geral da sociedade”. (conclusão do Grupo a violência e sua superação no âmbito da mídia da VII Conferência Nacional sobre Direitos Humanos, promovida pela Câmara dos Deputados e realizada em Brasília, entre 14 e 17 de maio de 2002)

A capacidade de comunicação e a responsabilidade social são essenciais à atuação do jornalista e fundamentais ao processo democrático, na sociedade contemporânea. O acesso à informação, que significa a transparência da gestão pública, consiste em um dos pilares da democracia e quem cumpre o papel de intermediar o processo é um comunicador social, o jornalista.

Em *O Futuro da Democracia*, o filósofo italiano Norberto Bobbio ressalta que a publicidade do poder é essencial, pois a visibilidade dos atos governamentais é o instrumento que os cidadãos têm para o controle e fiscalização dos atos de governo e, para que o poder estatal esteja em consonância com as vontades dos governados é necessário que exista educação para a cidadania.

Bobbio afirma não existir democracia representativa se o poder é escamoteado e se há cidadãos mal educados para as regras do jogo democrático.

Pós-Modernidade: a era digital

Vários autores ponderam que a modernidade terminou no final do século XX e definem o período seguinte de pós-modernidade. Outros afirmam que a modernidade terminou antes, com a Era Vitoriana,

em 1900.

Também há pensadores que consideram que a pós-modernidade teve duas etapas. A primeira iniciou em 1950 e encerrou com a Guerra Fria, quando a mídia analógica com a banda limitada encorajou a poucos canais de mídia autoritários.

A segunda etapa é marcada pela popularização da televisão a cabo e a nova mídia baseada em significados digitais de disseminação de informação e transmissão.

A partir daí, a pós-modernidade é definida pelo aumento de poder pessoal e digital por meio dos veículos de comunicação, como as máquinas de fax, cabo e Internet de alta velocidade que alteraram as relações humanas.

Independente da definição de períodos, a marca da era atual é a produção digital de informação, na qual os indivíduos manipulam virtualmente todo aspecto do ambiente da mídia.

Este processo leva produtores e consumidores a conflitos relacionados ao capital intelectual e estão permitindo a criação de uma nova economia capaz de alterar fundamentalmente a sociedade devido à queda drástica dos custos gerados pela criação da informação. Começou-se a discutir se digitalidade e se este “ser digital” emerge como uma condição intrínseca da pós-modernidade.

A interatividade foi incrementada pela habilidade de manipular itens da cultura digital, a World Wide Web (www), o uso de engenharias de busca para indexar conhecimento e telecomunicações foram produzindo uma convergência marcada pelo surgimento da “cultura participatória”, nas palavras de Henry Jenkins, e o uso de aparelhos de mídia, tais como iPods da Apple.

Na pós-modernidade, a atualização do jornalista por utilizar as ferramentas da web, inclusive em assessorias de comunicação, é fundamental. A comunicação via Internet proporciona aos gestores a exposição e interação, direta ou indiretamente, com o amplo público das comunidades virtuais. Aos cidadãos é oportunidade de acesso, a baixo custo, às políticas e serviços, e também o canal para expressar a opinião.

Em *Ética Pós Moderna*, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman apresenta questões fundamentais para o profissional da comunicação

contemporânea. São aspectos que abrangem desde o comportamento individual às relações de poder, compromissos sociais e humanistas.

Bauman considera que a era atual não extinguiu os valores éticos e define o presente estágio da civilização como um período de “reencantamento do mundo”, que pode devolver dignidade às emoções e legitimidade ao inexplicável.

No aspecto da comunicação, a importância deste estudo sociológico consiste em suas reflexões sobre a responsabilidade, no âmbito individual e coletivo, a respeito do que mudou e o que está em processo de mudança, a partir da última década do século XX.

As condições de como este trabalho é desenvolvido, a partir da implementação de recursos tecnológicos e o nível profissional dos comunicadores encarregadas, na pós-modernidade, exigem o redimensionamento da política de comunicação.

Atualmente, o processo de comunicação executado na gestão pública é incipiente. Carece não apenas de equipamentos ou infraestrutura. Há uma nova configuração do poder da comunicação.

Neste sentido, Bauman ratifica: os grandes temas da ética não perderam a força na pós-modernidade, porém precisam ser revistos e tratados de modo inteiramente novo. Para ele, nossa era pode ainda representar uma “alvorada e não um entardecer da ética”.

No cerne, está a pós-modernidade como modernidade sem ilusões, consciente. O jornalista contemporâneo integra esta revolução e se prepara para reconfigurar seu papel de formador de opinião, inclusive quando atua na gestão pública, sempre priorizando a ética, o respeito à comunidade e o direito do cidadão de acompanhar as políticas desenvolvidas pelos homens públicos e suas equipes.

Outro sociólogo, o pesquisador espanhol Manuel Castells, observa que a Web é mais que uma tecnologia. É um meio de comunicação, de interação e de organização social. Ele afirma:

“A Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos”.

História da Imprensa

Segundo o pesquisador Alberto Terrou, na obra *História da Imprensa*, a necessidade de informação é um dos dados fundamentais de toda a vida social. A curiosidade do público sempre suscitou a vocação de contadores de história. Dos aedos gregos aos trovadores da Idade Média e aos feiticeiros africanos, estas personagens já cumpriam uma função de comunicação, basicamente a difusão de ideias.

O autor observa e garante que é possível em cada tipo de civilização, em todas as sociedades organizadas, encontrar antepassados dos jornais e dos jornalistas.

Segundo ele, a partir do século XV, uma série de fatores políticos, econômicos e intelectuais conjugou seus efeitos para provocar e aumentar a sede de notícias no Ocidente: o renascimento, as reformas, os processos de trocas bancárias e comerciais.

A criação de Estados modernos proporcionou mais segurança e regularidade às comunicações, a partir do surgimento dos correios. O nascimento da impressão, em 1438, ganhou difusão na segunda metade do século XV. Um século depois, as notícias já tinham se tornado mercadoria.

A Internet, ou a rede mundial de computadores, surge na década de 60 durante a Guerra Fria. O objetivo dos EUA era criar uma alternativa para a comunicação, em caso de um ataque da URSS, e as mudanças significativas ocorreram em 1980 com a criação da World Wide Web que interligava universidades.

A Web como a conhecemos atualmente foi apresentada, em 1991, por Berners-Lee que construiu uma página de texto, quando foram compartilhados os códigos básicos do projeto de um sistema global de hipertexto. A partir desta tecnologia, a redação tradicional, o processo jornalístico e o papel do jornalista profissional nesta nova mídia, por meio de sites, blogs, portais e redes sociais, sofreram profundas mudanças.

A inserção na sociedade civil se ampliou e, em vários momentos, é percebida a importância da Internet nos eventos locais e globais, tanto

na divulgação, quanto na mobilização das populações. Recentemente, a crise na Líbia foi desencadeada via Internet e o mesmo ocorreu no Irã.

Na China, é temida pelo governo e o acesso censurado. Em resposta aos governos autoritários, os EUA anunciam grandes investimentos em programas que divulguem a democracia, e, seguindo o exemplo de Obama, que deve muito de sua eleição às novas mídias, políticos brasileiros tentam se aproximar dos eleitores via Web.

No Brasil, há várias campanhas globalizadas, desenvolvidas na Rede e vinculadas ao processo político e da comunicação do país e do mundo, como a do desarmamento, contra as usinas hidrelétricas em Belo Monte, entre outras. No âmbito regional, políticos também investem nas redes sociais, em busca de eleitores e credibilidade, muitas vezes usando assessorias de comunicação.

E apesar das tentativas dos monopólios da comunicação se reproduzirem na Internet - no Brasil, poucas famílias são donas de conglomerados de comunicação - a nova mídia se abre à possibilidade de uma outra dinâmica. Isto porque sua linguagem ainda está em construção e os comunicadores podem exercer suas atividades com criatividade, independência e interagindo direto com os leitores.

É importante que o webjornalista esteja consciente da sua missão, cultive qualidades e dons que lhe são cada dia mais exigidos, para que, conforme sintetizou Luiz Beltrão, em *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, seja capaz de “reclamar o gozo da condição primordial da sua atividade: a liberdade, uma vez que se achará apto a assegurar por si próprio, em contrapartida, aquela condição indispensável ao exercício: a responsabilidade”.

Fundamentos, Filosofia da Comunicação

Neste cenário de novidades tecnológicas se configura a performance do webjornalista, inclusive em relação à gestão pública, e sua contribuição para a democracia. Trata-se de uma atuação que extrapola utilização de softwares.

O que está na ordem do dia não é a simples transposição de um formato superado para um novo meio e sim a criação, e o processo de

desenvolvimento da consciência, indo além das possibilidades de comunicação e linguagem desta nova mídia.

Os recursos técnicos, condicionados para formatação de textos e conteúdos convencionais, estão obsoletos. A informação superficial, padronizada, tem cada vez menos impacto na comunidade, conforme analisou o pensador e geógrafo Milton Santos, na obra *Por uma Outra Globalização – do Pensamento Único à Consciência Universal*.

Paralelamente, surgem novidades na Internet, novos instrumentais. Há outra interação, outra comunicabilidade, seduzindo as massas e integrando processos culturais. É o universo da Cibercultura.

Na rede, há mais informação circulando e mais necessidade do jornalista, de sua ação criativa e ética na divulgação, porque segundo define o jornalista Luiz Beltrão, o jornalismo - independente da mídia utilizada - é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública.

O pesquisador lembra que todo este processo tem, evidentemente, uma função educativa, visando esclarecer o público para que sinta e aja com discernimento, buscando o progresso, a paz e a ordem da comunidade. Para ele, a finalidade do jornalismo é a promoção do bem comum.

Já o poeta mexicano Octávio Paz, considerado um dos maiores escritores do século XX, no ensaio *Pensamento Em Branco*, do livro *Convergências – Ensaios sobre Arte e Literatura*, apresenta reflexões sobre a idéia de tempo, oferecendo analogias entre linguagens da arte moderna e da poesia ocidentais, de Mallarmé e Joyce, as contrapondo às concepções e metáforas de outras culturas.

Este cruzamento de tempos, a rapidez, a supervalorização da novidade, a informação instantânea, a interação entre espaços e formas são situações que estão na pauta das vivências cotidianas e do arcabouço imprescindíveis ao webjornalista.

Outro estudo importante: Em *A Caminho da Linguagem*, o filósofo alemão Martin Heidegger reúne ensaios e conferências nas quais é analisado o conceito de que a linguagem não é somente algo que o homem expressa. A linguagem, conforme fundamenta o pensador, guarda uma relação de anterioridade ao falante.

O foco de Heidegger no pensamento e na linguagem contribui para dimensionar os recursos de comunicabilidade do jornalista nos novos tempos da comunicação.

Webjornalismo e Ética

A ética, como os demais ramos da Filosofia, surge a partir de Platão, segundo Heidegger, que afirma: ao pensamento cabe a tarefa de edificar a casa (*éthos*) do ser, onde o homem habita. O *éthos* - palavra grega da qual se derivou ética é traduzida por morada ou costume - era a maneira originária pela qual os helenos, como Heráclito, dimensionavam seu significado.

“Em toda organização, particularmente na estatal, existe um duplo problema de administração. Do ponto de vista do governo, o problema consiste em garantir a aquiescência dos governados; do ponto de vista dos governados, em fazer com que o governo leve em conta não só os seus próprios interesses como também os daqueles sobre quem exerce o poder.

Resolvido um desses problemas, o outro, em consequência, não surgirá; não se resolvendo nenhum dos dois, haverá uma revolução. Em geral se chega a uma solução harmoniosa”.

(Russel, 1957, PP.187s.)

Michael Kuczik em *Conceitos de Jornalismo* destaca que a resposta inequívoca do jornalista de desenvolvimento à pergunta “De que lado estou?” deve ser: “do lado da humanidade”. Tal afirmação abrange, claro, os webjornalistas, inclusive os que atuam na gestão pública, cuja ação deve ser norteadada pelo bem comum e não apenas pelos interesses de grupos políticos que eventualmente conquistam o poder.

Apesar de constituir o jornalismo “oficial” e lidar com alguns dilemas de difícil solução, o dever inequívoco é com a verdade e o comunicador não deve vender sua alma aos poderosos e limitar-se a bajulá-los.

Ele tem uma obrigação extremamente importante com a sociedade em geral: exercer a crítica com base nos valores humanos, fundamentais no ideal da humanidade. Deve compreender, desde o princípio, que essa tarefa é não apenas importante como também muito perigosa. É quase normal que esses intelectuais sejam atacados e caluniados

como traidores da causa nacional, como uma “panelinha” alienada, etc, lembra Kuczik.

Transparência e Liberdade

Ao constatar a relação entre ética e comunicação, a transparência das políticas desenvolvidas pelos gestores públicos se destaca como a marca da democracia e um dos atributos mais importantes, para que o novo meio de comunicação, com suas ferramentas, não seja apenas um instrumento de propaganda do governo.

A partir da consciência profissional, a ação do webjornalista se transforma em elemento para a participação e interação dos cidadãos vinculados ao conceito geral de gestão, para o planejamento e implementação dos programas de desenvolvimento. Isto porque os fundamentos filosóficos que embasam a Comunicação são atemporais.

A atuação em gestões públicas, por exemplo, deve considerar que, em princípio, o chamado “jornalismo oficial do governo” não se concilia com um trabalho jornalístico assentado em princípios éticos, conforme avalia Michael Kunczik, em *Conceitos de Jornalismo*.

Porém o pesquisador faz uma importante ressalva: a disseminação de decisões por parte do Executivo, Legislativo e Judiciário é de grande relevância para a construção da vontade democrática.

Assim encarado, o jornalismo em todos os níveis tem uma função pública, pois proporciona cidadania. Segundo Kunczik, cabe ao jornalista a tarefa de estimular discussões, promover encontros, interferir no debate, contribuir com suas próprias idéias.

Ele destaca que o jornalista não deve ficar com um pé atrás, adotando a opinião de que divulgar “fatos” é o único objetivo da atividade jornalística: “*Se o Jornalismo há de cumprir sua função informativa e capacitar todos para tomar parte na vida da sociedade, então deve orientar-se pelo ideal da maior capacidade de reconstrução possível em todos dos domínios, ainda que isso jamais se cumpra por completo.*”

A função informativa implica também uma consciência dos efeitos, tanto os pretendidos como os já existentes, da mensagem. A tarefa é oferecer uma mão orientadora para aumentar as possibilidades de participação no mundo; em uma palavra: dar sentido às coisas”.

Dignidade Humana

Com a participação do grande escritor francês e jornalista Émile Zola, foi realizado em Londres, em 1893, o primeiro congresso jornalístico de que se tem notícia. Um ano depois, novamente se encontram e, em ambos os eventos, a ética profissional constituiu o primeiro e mais importante ponto das discussões.

O jornalismo procurava, na expressão de Zola, purificar as condições de trabalho e *“formar uma coletividade dentro da qual não tenha assento nenhum gênero de vileza e corrupção”*.

Três congressos jornalísticos latino-americanos, realizados em Havana, na Cidade do México e em Caracas, nos anos de 1928, 1942 e 1945, aprovaram um decálogo do jornalista que no seu décimo mandamento proclama: *“um jornalista digno desse nome considera a calúnia, a difamação e as acusações sem provas como as mais graves faltas profissionais, não abusa jamais da liberdade de imprensa e das suas forças com fins interesseiros”*.

A imprensa seja em que mídia se expresse, ou em que época, deve ser o mais fiel defensor da dignidade da pessoa humana e do respeito que merece. Voltando aos estudos de Luiz Beltrão, um dos motivos do desapareço em que é tido o jornalismo no Brasil está, exatamente, na falta de conformação do seu exercício às normas da moral comum e da moral profissional.

O pesquisador observa que quando tantos perigos e seduções ameaçam os agentes do jornalismo, desde o abuso do poder com o cerceamento da liberdade, até a automatização dos espíritos, com o endeuamento da máquina, é para a velha ciência ética, a ciência dos valores morais, que nos devemos voltar.

Ele afirma importância da ética: *“Como uma disciplina de vida, que nos permita garantir a liberdade e descobrir, na existência, aquele*

algo valioso, aquela finalidade que deve ser objeto do nosso querer e do nosso agir. E como uma disciplina para o exercício da nossa atividade profissional, mediante o estudo constante e sistemático da nossa consciência moral, da tradição e da experiência, que nos permitirão apreciar com mais segurança o valor dos atos humanos, elegendo aqueles que a razão sancionar como correspondentes ao ideal de Justiça e Bem-Estar, a que aspiram o indivíduo e as coletividades”.

Cibercultura, o Salto Qualitativo

Cibercultura é uma expressão criada pelo filósofo Pierre Lévy para sintetizar o mundo digital centralizando múltiplos usos. Na obra *A Cibercultura* o pesquisador define os princípios fundamentais da cultura desenvolvidas no universo digital. Entre eles, a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva.

Este estudioso contemporâneo apresenta vários livros voltados à análise dos novos tempos da comunicação. Em *As Tecnologias da Inteligência - O Futuro do Pensamento na Era da Informática*, por exemplo, observa o fim da oposição entre o homem e a máquina.

Ele questiona o que é a técnica e como ela influencia os diferentes aspectos de nossa sociedade, aferindo em que medida indivíduos, ou projetos singulares, conseguem alterar os usos e sentidos da tecnologia e até que ponto a ferramenta é necessariamente racional e utilitária.

Em *O que é o virtual*, Pierre Lévy observou muito antes da explosão da utilização da world wide web, o quanto a digitalização e as novas formas de apresentação do texto possibilitariam outras maneiras de ler e de compreender. Entre elas, a interação em ambientes virtuais.

As ideias do filósofo são ressonâncias das possibilidades do ciberespaço e atual velocidade das inovações da rede. Segundo afirma, é impossível dar conta de cada coisa que surge, “devemos escolher e aprender as que são mais úteis para nós”.

Em *A Inteligência Coletiva, Por Uma Antropologia Do Ciberespaço*, por exemplo, Pierre Lévy destaca o impacto dos novos meios de comunicação que permitem aos grupos humanos compartilharem democraticamente seu saber e imaginário.

A nova forma social inédita, o coletivo inteligente, pode inventar uma “democracia em tempo real”, uma ética da hospitalidade, uma estética da invenção, uma economia das qualidades humanas, prevê o filósofo. Ele vai mais longe e diz que depois de ter sido fundamentada na relação com o cosmos e na inserção no processo econômico, a identidade das pessoas e o vínculo social, poderão se expandir no intercâmbio de conhecimentos.

O livro *Walter Benjamin e a Imaginação Cibernética - Experiência e Comunicabilidade na Era do Virtual*, de Cláudio Cardoso de Paiva, oferece um exercício de sondagem sobre a cultura eletrônica e propõe bases interpretativas para decifrar a realidade virtual a partir de obras de Walter Benjamin.

Segundo o pesquisador, este filósofo “que pensa o século XIX com as antenas ligadas na modernidade do século XX”, fornece por meio de sua percepção aguçada, elementos para uma abordagem crítica e percepção das questões emergentes sobre arte, sociedade e tecnologias do século XXI.

Novos Rumos - Linguagem e Desenvolvimento

“Aqueles que despertaram para sua verdadeira natureza essencial como consciência e a reconhecem em todos os “outros”, em todas as formas de vida, vivem em estado de rendição e, assim, sentem que são um só com o todo e com a Origem. Eles incorporam a consciência desperta que está mudando todos os aspectos da vida no nosso planeta, incluindo a natureza, porque a vida na Terra é inseparável da consciência humana que percebe e interage com ela”.

(Eckhart Tolle, em Um Novo Mundo – O Despertar de uma Nova Consciência.)

Para redimensionar sua performance, nos novos tempos da Comunicação é necessário que o webjornalista esteja em processo de atualização, em desenvolvimento, investindo no autoconhecimento, conhecimento abrangente e profundo, que vai além do apuro do texto, do domínio da palavra, da comunicação em vários níveis.

É importante que esteja aberto ao aprendizado das novas ferr-

mentas, desenvolva bagagem cultural e originalidade, porém é fundamental estar alicerçado na ética, no pensamento crítico e no humanismo.

Para os caminhos do jornalismo digital e para o processo democrático há necessidade de um novo formador de opinião. Este novo profissional está surgindo, no mundo e no Brasil, apesar do governo brasileiro ter desregulamentado a profissão e insistir em desvalorizar a categoria.

É importante observar em que consiste hoje o papel social deste visionário, o quanto sua missão está cada vez mais vinculada à comunicabilidade, talento, sensibilidade, percepção e principalmente, consciência e ação ética.

Com ele, sob a égide da cultura virtual, há exigência de intenso processo de criação e dinâmica de atualização. Um dos grandes desafios é a responsabilidade educadora e criadora de seu papel, para que seja capaz de oferecer e atuar com a população no acesso aos valores essenciais, em qualquer que seja a informação e nível de comunicação. Sempre atento ao sentido humanista do desenvolvimento.

“A Linguagem

O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realiza mos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro. Falamos porque falar nos é natural. Falar não provém de uma vontade especial. Costuma-se dizer que por natureza o homem possui linguagem”.

(Heidegger)

Aos que culpam os comunicadores pelos males contemporâneos, a resposta está na obra *Cultura e Valor*, na qual Ludwig Wittgenstein coloca em discussão a decadência e crescente pobreza da cultura ocidental oferecendo um referencial para a reflexão sobre o nível de educação e inconsciência das massas.

Até que ponto a mídia estaria vinculada à dissolução mais pro-

funda da cultura, à decadência da civilização é uma das reflexões pertinentes ao papel e função do comunicador.

No Brasil, Bernardo Kucinski, em *A Síndrome da Antena Parabólica, Ética no Jornalismo Brasileiro*, observa que desde o caso Collor, em 1992, a conduta dos meios de comunicação no Brasil sugere que é possível um padrão mais democrático de jornalismo, apesar da persistência das formas oligárquicas e monopolísticas de propriedade dos meios de comunicação de massa, desde que se modifique a cultura e o *éthos* do jornalismo.

No plano institucional, os artigos 220 e 224 da Constituição proclamam a total liberdade de informação e determinam a criação do Conselho de Comunicação Social, com membros da sociedade cível, com autoridade para estabelecer critérios de concessões de frequências de rádio e TV.

Essas determinações ainda não foram cumpridas pela maioria conservadora que domina o Congresso brasileiro. Apesar disso, as redes informáticas hoje se ampliam em todos os âmbitos, do local ao global e os processos e práticas de comunicação coletiva trazem profundas transformações na cultura cotidiana.

Neste sentido, Mark Poster em *Cidadania, Midia Digital e Globalização*, observa que os novos meios de comunicação oferecem possibilidades para a construção de sujeitos políticos planetários, net cidadão que serão múltiplos, dispersos e virtuais, “nós de uma rede de inteligência coletiva”.

O historiador define a Internet como um sistema de comunicação global, mais disperso por todo globo que os sistemas anteriores, inerentemente bidirecional e ingovernável pelas estruturas políticas existentes.

Em síntese, o jornalista Muniz Sodré, em *O Globalismo como Neobarbárie* define a mídia, ou o conjunto dos meios de comunicação como uma técnica política de linguagem, potencializada ao modo de uma antropotécnica política, ou uma técnica formadora, interventora na consciência humana.

“A linguagem cria, mais do que reflete, a realidade”, não é apenas designativa, mas principalmente produtora de realidade, conclui lembrando que globalização é um outro nome para teledistribuição mundial de um determinado padrão de pessoas, coisas e, principalmente, informações.

O Papel do Webjornalista

O pensador brasileiro Milton Santos lembra que é graças aos progressos fulminantes da informação que surge uma nova consciência de ser mundo. Em *Por uma outra Globalização, do Pensamento Único à Consciência Universal* frisa a importância das ferramentas da comunicação.

Segundo ele, por meio das novas mídias, o mundo fica mais perto de cada um, não importa onde esteja. “O outro, isto é, o resto da humanidade, parece estar próximo. Criam-se para todos a certeza e, logo depois, a consciência de ser mundo e estar no mundo, mesmo se ainda não o alcançamos em plenitude material ou intelectual”, afirma.

Otimista, Milton Santos observa que uma história universal verdadeiramente humana está, finalmente, começando e para isto basta que se completem as duas grandes mutações ora em gestação: a mutação tecnológica e a mutação filosófica da espécie humana.

A mutação tecnológica, explica, é dada com a emergência das técnicas da informação, as quais – ao contrário das técnicas das máquinas – são constitucionalmente divisíveis, flexíveis e dóceis, adaptáveis a todos os meios e culturas, ainda que seu uso perverso atual seja subordinado aos interesses dos grandes capitais. Mas, quando sua utilização for democratizada, essas “técnicas doces estarão a serviço do homem” e podem assegurar uma mutação filosófica da humanidade, capaz de atribuir um novo sentido à existência de cada pessoa e, também, do planeta.

E aí está valor do papel do webjornalista neste processo, algo há muito tempo visualizado pelos jornalistas de gerações anteriores. Luiz Beltrão lembra na citação abaixo, o quanto uma educação especial para a liberdade de opinar foi valorizada e estimulada por Joseph Pulitzer quando criou a Escola de Jornalismo da Universidade de Colúmbia, nos EUA, no início do século XX, em 1903.

“Minha esperança é que este colégio de jornalismo levante o nível da profissão. Mas para isso é preciso marcar a distinção entre os verdadeiros jornalistas e os homens que fazem uma espécie de trabalho jornalístico que não requer nenhum conhecimento ou convicção, mas um simples treino de negócio. Eu desejo iniciar um movimento que possa erguer o jornalismo ao nível de uma profissão erudita, credora do respeito da comunidade”.

Nelly de Camargo, no artigo *Política de Comunicação*, na antologia *Comunicação de Massa: O Impasse Brasileiro* observa que a preocupação com o poder da comunicação é tão antiga quanto a história da sociedade humana.

Da retórica dos sofistas ao Príncipe Maquiavel, dos postulados da liberdade de expressão da revolução norte-americana aos da obra de Goebels, apenas para lembrar algumas balizas no campo da condução do comportamento humano por meio da persuasão, os saltos demonstram a diferença de qualidade no enfoque ético-filosófico do que representa o ser humano, mas demonstram também uma progressiva eficiência no que tange à finalidade de controle com que são engendrados os processos de comunicação.

Nelly Camargo lembra que a comunicação não pode ser dissociada da cultura, da riqueza cultural da humanidade. Isto implica, em sua opinião, a universalização da cultura, mas não significa uma sociedade de doutores. A cultura é um direito e uma responsabilidade para os aprendizes de todos os níveis, e a informação deve estar disponível a todo o momento.

Nas áreas em desenvolvimento, destaca que os meios de comunicação de massa cumprem a tarefa básica de oferecer a informação e agir como suportes da ação educativa. Enquanto nas áreas mais desenvolvidas, é sua responsabilidade a difusão de informações que tornem possíveis para a sociedade o debate crítico e decisões criteriosas.

Massificação e Consciência

É esclarecedora a análise do jornalista e pesquisador Alberto Dines em *O Papel do Jornal – Tendências da Comunicação e do Jornalismo no Mundo em Crise*, no qual observa que a história se altera em movimentos pendulares e a comunicação se desenvolve através dela de maneira idêntica.

Segundo ele, o vai e vem ritmado e inexorável é a melhor forma de representar visualmente a dialética do crescimento-maturação-conteção dos processos históricos, sociais e, naturalmente, da comunicação humana.

Ao aplicar-se este princípio do desenvolvimento pendular à comunicação, ele classifica três períodos distintos. O primeiro acontece quando se inventa ou se aperfeiçoa um novo veículo e, neste momento, ele é seletivo, porque desconhecido.

A seguir, com sua popularização, se torna massificado para, finalmente, em nova fase, e evitando o desgaste, acomodar-se e conter-se outra vez. “Tudo isto é na realidade, o ritmo da tese-antítese-síntese concebido por Hegel, lembra.

Ele explica que assim temos cada veículo começando de uma forma restrita pelo simples fato de representar a introdução de uma nova tecnologia, desenvolvendo-se até se converter, pelo uso, em veículo de massa, para depois buscar audiências novamente restritas e dirigidas, porque o homem sempre procura uma forma particular e singular de existir dentro do grupo.

Como exemplo, cita a criação do livro. Antes de Guttenberg, o livro era um veículo restrito e seletivo, baseado na reprodução manual. Graças à invenção do tipo móvel, o livro foi desenvolvido até sua massificação. Hoje, a sua própria saturação, com a crise do papel e de outros veículos híbridos, tende a conter-se e reencontrar sua destinação original.

O movimento aperfeiçoamento-acomodação dos processos de comunicação, observa Dines, demonstra, antes de tudo que eles são imperecíveis. Veículos não se extinguem como tal, transformam-se.

Ele afirma ainda que o ser humano, tão volúvel no seu relacionamento com o instrumental do progresso, no caso da comunicação parece apegar-se e conclui lembrando que isto é facilmente explicado porque a comunicação faz parte da condição humana.

A perenidade, afirma, é muito mais do processo como um todo do que de seus veículos separadamente. É a própria comunicação, por ser uma faculdade inerente à existência do homem, que eterniza e faz subsistirem seus instrumentos.

A adoção do alfabeto na Grécia, a primeira grande revolução no processo de comunicação, criou uma celeuma entre os filósofos da época que a consideravam a introdução da escrita um golpe mortal em nossa capacidade de memorizar.

A memória era o único recuso para vencer o tempo e Sócrates, em Phedrus, conforme citação de Marshal MacLuhan, diz: “*A descoberta do alfabeto criará o esquecimento nas almas dos alunos porque eles não usarão suas memórias, confiarão em caracteres escritos externamente e não lembrarão por si mesmos... Daremos aos nossos discípulos não a verdade, mas a impressão de verdade...*”

Dines pondera que ocorreu uma acomodação e uma adaptação à nova tecnologia e, se a capacidade de memorização de palavras perdeu parte da sua importância no processo intelectual, em compensação, a imaginação passou a representar importante papel quando se criou a possibilidade evocação de imagens e conceitos através da palavra escrita.

O pensador canadense Marshal McLuhan, em *Os Meios de Comunicação com Extensões do Homem*, destaca que a cada nova tecnologia surge uma nova ambiência para o homem. E nesta condição, ele reprocessa as tecnologias anteriores, as adaptando e as recondicionando à situação.

Deste modo, uma nova tecnologia de comunicação transforma a anterior numa forma de arte. A TV, por exemplo, consagrou o cinema como manifestação artística.

A evolução da comunicação é um processo global. Uma alteração das partes faz com se movimente o conjunto. É por este motivo, explica Alberto Dines, que um jornalista, apto profissionalmente, pode trabalhar em qualquer veículo de comunicação, porque na realidade sua capacidade é de comunicar-se.

Conclusão

O fundamento do Jornalismo é a difusão de ideias. Nos períodos remotos da História, a atividade se expressava na transmissão oral que, a cada período e civilização, foi marcada pela tecnologia vigente. Do grito à comunicação por fumaça, da criação dos alfabetos à tipologia móvel, das mídias de comunicação de massa à sua ferramenta atual, a Web, a Internet, foram muitas revoluções.

Hoje, na pós-modernidade, as novas tecnologias da era digital reforçam o fundamento desta profissão que devido à sua dimensão so-

cial global exige responsabilidade e consciência, independente da ferramenta utilizada na comunicação.

Quanto ao aspecto da consciência conceituada pela filosofia como o conhecimento que o homem possui dos seus próprios pensamentos, sentimentos e atos, esta é a base do webjornalismo.

A consciência remete para a existência do homem perante si mesmo, no momento em que pensa ou age, ou quando recua perante seus pensamentos para julgá-los e analisá-los.

A consciência possibilita ao homem pensar o mundo que o rodeia e nela está enraizado o sentimento de existência. Ela é a essência do ser humano, fonte do conhecimento e da verdade.

Cabe ao webjornalista, contemporâneo dos novos tempos da comunicação, se capacitar não só profissionalmente, no manuseio de tecnologias, mas também se autodesenvolver para alcançar um nível cada vez mais alto de performance e contribuição consciente para um mundo melhor.

Sua ação é voltada para o ser humano e, para que esta atuação seja adequada, o caminho para o webjornalista é ser cada vez mais um ser humano melhor, superando suas próprias limitações, ampliando seus horizontes, acessando a consciência, rompendo as estruturas do condicionamento e da subordinação

Neste sentido, como afirmou o professor Paulo Freire, na medida em que a condição básica para a conscientização é que seu agente seja sujeito, isto é, um ser consciente, a conscientização, como a comunicação, é um processo específica e exclusivamente humano.

Para finalizar, vale destacar esta afirmação do mestre em *Ação Cultural para a Liberdade*, como um referencial para as novas gerações de jornalistas:

“Somente homens e mulheres, como seres “abertos” são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformando o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora”.

Bibliografia

- BAUMAN, Zygmunt. **Ética Pós-Moderna**. Paulus Editora, 1993.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. Edusp, 1992.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**. Edusp, 1997.
- DE MORAES, Dênis. **Por Uma Outra Comunicação – Mídia, Mundialização Cultural e Poder**. Editora Record, 2005.
- DINES, Alberto. **O Papel do Jornal – Tendências da Comunicação e do Jornalismo no Mundo em Crise**. Editora Artenova, 1977
- ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. Edições 70, 2011. 555p.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro (excertos)**. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- CASTELLS, Manuel. **Internet e Sociedade em Rede**. In: MORAES, D. (Org.) **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 255 – 287.
- FRANCO, Guilherme. Trad. Marcelo Soares. **Como Escrever Para a Web, Bases Para a Discussão e Construção de Manuais**. On Line, Centro Knight, 220p.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. Paz e Terra, 1979.
- HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem**. Editora Vozes, 1959.
- HEIDEGGER, Martin (1954/2002), **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, Vozes.
- HEIDEGGER, Martin. **Um Mestre da Alemanha entre o Bem e o Mal**, Rüdiger Safranski. Geração Editorial, 2000.
- KUCINSKI, Bernardo. **A Síndrome da Antena Parabólica – Ética no Jornalismo Brasileiro**. Editora Perseu Abramo, 1998.
- KUNCZI, Michael. **Manual de Comunicação - Conceitos de Jornalismo**

- **Norte e Sul**, Edusp, 1998.

LÉVY, Pierre. **A Cibercultura**, trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo, Editora 34, 1999. 260p.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996. 160p.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. 263 p.916.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000. 212 p.

MCLUHAN, Marshal. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**, Editora Cultrix, 1969.

MOREIRA, Daniel. **Método Fenomenológico na Pesquisa**, Thomson Pioneira, 122p;

MORENO, A. R. **Wittgenstein: os labirintos da linguagem - ensaio introdutório**. São Paulo: Moderna; Campinas: Edunicamp, 2000;

PAIVA, Cláudio Cardoso. **alter Benjamin e a Imaginação Cibernética - Experiência e Comunicabilidade na Era do Virtual**, Universidade Federal da Paraíba.

PAZ, Octávio. **Ensaio “Pensamento Em Branco”, do livro Convergências – Ensaios sobre Arte e Literatura**, tradução de Moacir Werneck de Castro. Rocco, 1991. 236p.

POSTER, Mark. **“Cidadania, mídia digital e globalização”**. In: MORAES, Dênis de. Por uma outra comunicação. Rio de Janeiro: Record, 2003.

RUSSEL, B. **Power: A New Sociological Analysis**. Winchester, Massachusetts, 1957.

SANTOS MILTON, **Por uma Outra Globalização, do pensamento único à consciência universal**, Rio de Janeiro, Record, 2000.

SCHWINGEL, Carla e Zanotti, Carlos (orgs.). **Produção e Colaboração no Jornalismo Digital**. Editora Insular, Florianópolis, 2010 – Autores: Alvaro Bufarah Junior, Ana Maria Brambilla, Ben-Hur Correia, Carla Schwingel,

Carlos d'Andréa, Carlos Eduardo Franciscato, Carlos A. Zanotti, Dijna Andrade Torres, Diólia de Carvalho Graziano, Fernando Firmino da Silva, Gabriele Maciel, Getúlio Cajé dos Santos, Jorge Rocha, Marcelo Träsel, Raquel Ritter Longhi, Walter Teixeira Lima Junior.

SODRÉ, Muniz. **O Globalismo como Neobarbárie**. In: MORAES, Dênis de (org)

TERROU ALBERTO, **História da Imprensa**, tradução de Edison Darci Heldt, São Paulo, Martins Fontes, 1190

TOLLE, Eckhart. **Um Novo Mundo- O Despertar de uma Nova Consciência**, 2007. Editora Sextante.

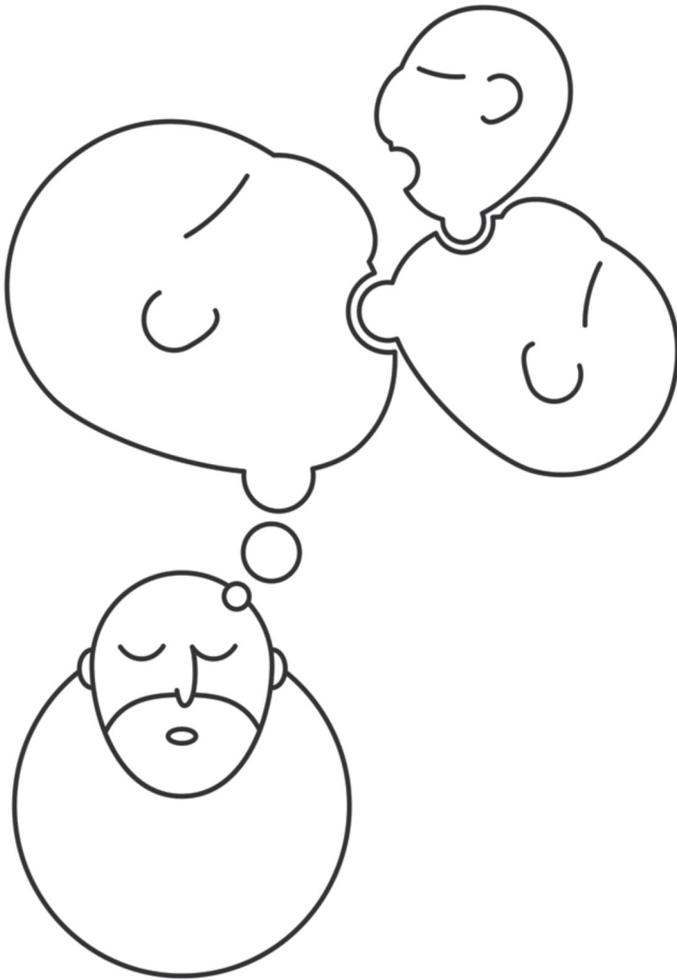
THORNTON, Tim. **Wittgenstein sobre linguagem e pensamento**. Tradução de Rogério Bettoni e Alessandra Siedschlag. São Paulo: Edições Loyola, 2007;

VIEIRA AMARAL (Org) , **Comunicação de Massa: o Impasse Brasileiro**. Editora Forense Universitária, 1978

WALTER BENJAMIN. **Obras Escolhidas**. Vol. I Arte, técnica, Ciência e Política. S. Paulo, Brasiliense, 1985;

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Cultura e valor**. Lisboa: Edições 70, 1996.

NORBERTO BOBBIO, **O Futuro da Democracia**, Editora Paz e Terra, 2000.



*“Se eu bater as botas o que será do pobrezinho do Partido?
Com certeza haverá uma quebra na cadeia alimentar da fauna”*



Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental, a ASA EDITORA GRÁFICA / KELPS, declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas não degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da ASA EDITORA
GRÁFICA/ KELPS, no papel: Polen Soft 80g, composto nas
fontes Minion Pro, corpos 11,5, 14 e 18
Março, 2012

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor